37.015.4
M 194 1
doc
C92569076

MARIA DE LOURDES DA SILVA MAGIONI

FRACASSO ESCOLAR:
uma realidade que incomoda

Pontes e Lacerda – MT

2006

BIBLIOTECA
IEMAT
Ca... ...selda-MT
RG N.: 0014510
Data 25 / 07 / 06
( ) Compra (X) Doação ( ) Permuta

MARIA DE LOURDES DA SILVA MAGIONI

FRACASSO ESCOLAR:
uma realidade que incomoda

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à UNEMAT – Universidade do Estado de Mato Grosso – Campus Universitário de Pontes e Lacerda, como parte dos requisitos para a obtenção do título de graduação em Licenciatura Plena em Letras.

Orientadora: Profª Ms. Teresa de Pazos da Silva

Pontes e Lacerda – MT

2006

Este trabalho de conclusão de curso foi apresentado e defendido perante a seguinte banca examinadora:

Raquel Alves

Cleunice Maria Andrade

Teresa de Pazos da Silva

Pontes e Lacerda – MT

2006

Às minhas filhas: Ana Paula e Renata, meus presentes de Deus e a meu esposo Luiz Roberto, meu companheiro e amigo.

Agradeço:

A Deus pela vida,
Aos professores pela dedicação,
Aos familiares pela compreensão e apoio,
À profª Ms. Teresa Pazos da Silva, pela paciência, carinho e atenção,
À Prefeitura Municipal de Nova Lacerda pelo apoio nas viagens.

A educação é um ato de amor e, portanto, um ato de coragem. Não pode temer o debate, a análise da realidade; não pode fugir à discussão criadora, sob pena de ser uma farsa.

Paulo Freire.

RESUMO

O presente trabalho apresenta os resultados de um estudo realizado em uma escola pública do município de Nova Lacerda-MT visando conhecer, na concepção de alunos e professores de 1ª a 5ª séries, as causas da evasão e repetência nestas séries. Constatamos através da pesquisa, num enfoque quantitativo seguido de estudo etnográfico, que os fatores que levam os alunos de 5ª série à reprovação e desistência são bem diversificados. De uma maneira geral, o fracasso escolar acontece por falta de incentivo, apoio e dedicação por parte de professores e familiares. Para este estudo, nos embasamos em autores como: Anete Abronowicz, Bernard Lahire, Maria Helena Patto, entre outros. Concluímos que compete aos profissionais da Educação replanejar suas ações a partir das dificuldades apresentadas em sala de aula, para que possíveis problemas possam ser minimizados. Que os professores possam refletir sobre sua prática pedagógica, buscando alternativas para seu cotidiano escolar. Há que se refletir ainda, sobre as contradições e os dilemas presentes no dia a dia, tendo como pano de fundo um Projeto Pedagógico crítico e democrático para a escola pública.

Palavras Chave: Fracasso Escolar – aluno / professor – Ensino.

ABSTRACT

The present work presents the results of a study carried through in a public school of the city of Nova Lacerda-MT aiming at to know, in the conception of pupils and teachers of 1ª 5ª series, the causes of the evasion and repentance in these series. We evidence through the research, in a followed quantitative approach of ethnographic study, that the factors that take the pupils of 5ª series to the repentance and desistance well are diversified. In a general way, the failure pertaining to school happens due to incentive, support and devotion on the part of familiar and professors. We base in authors as: Anete Abronowicz, Bernard Lahire and Maria Helena Patto. We conclude that competes to the professionals of the Education replanejar its action from the difficulties presented in classroom, so that possible problems can be minimized. That the professors can reflect on pedagogical practical it's, searching alternative for its daily pertaining to school. It has that to still reflect itself, on the contradictions and the quandaries gifts in the day the day, having as deep cloth of a critical and democratic Pedagogical Project for the public school.

Words Key: Failure pertaining to school – Pupil / Teacher - Education.

SUMÁRIO

QUADROS..... 10
SIGLAS.....11
INTRODUÇÃO.....12
1 - HISTÓRICO DAS REIVINDICAÇÕES POR EDUCAÇÃO.....15
2 - FRACASSO ESCOLAR NO BRASIL – EVASÃO E REPETÊNCIA.....23
3 - FATORES DE EXCLUSÃO ESCOLAR.....26
4 - CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DA ESCOLA OBJETO DE ESTUDO 30
5 - CONCEPÇÕES DA REPETENCIA NA ESCOLA.....34
5.1-FRACASSO ESCOLAR: CONCEITOS E ENTRAVES.....37
6- O QUE PENSAM PROFESSORES E ALUNOS DE 1ª A 4ª SÉRIE SOBRE O FRACASSO ESCOLAR.....40
6.1 – OS PROFESSORES.....40
6.2 – OS ALUNOS.....43
7- O QUE PENSAM PROFESSORES E ALUNOS DAS 5ª SÉRIES SOBRE A REPROVAÇÃO.....48
7.1 – OS ALUNOS.....48
7.2 – OS PROFESSORES.....54
CONSIDERAÇÕES FINAIS 59
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 61
ANEXOS.....65

QUADROS

Quadro 1 – Rendimento e Movimento Escolar.

Quadro 2 – Evolução do Crescimento Populacional e Escolarização no Brasil da População de 05 a 19 anos, de 1920 a 1970.

Quadro 3 – Taxa de escolarização bruta e líquida na faixa etária de 7 a 14 anos – Brasil e regiões – 1991 e 1996.

Quadro 4 – Ensino Fundamental – Taxas de Reprovação por série – Brasil e Regiões – 1996-1997.

Quadro 5 – Taxa de Reprovação e Desistência por série, (%), 1995 a 2005.

Quadro 6 – Diferenças das taxas de analfabetismo funcional entre as grandes regiões.

Quadro 7 - Índices de aprovação e reprovação de 2003 a 2005.

Quadro 8 – Motivo da reprovação: o que levou a isto? (1ª a 4ª séries).

Quadro 9 – O que a escola deveria fazer para minimizar o problema da desistência?

Quadro 10 – Reprovação nas séries: em quais e quantas vezes?

Quadro 11 – Disciplina em que mais reprovou entre 1ª a 5ª séries.

Quadro 12 – Motivo da reprovação: o que levou a isto?

Quadro 13 – Na opinião dos alunos, o que a escola e o professor poderiam fazer para que o aluno não reprove na 5ªa série.

SIGLAS

CE – Censo Escolar

CEE – Conselho Estadual de Educação

FUNDEF – Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais

LDBEM – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

LDE – Levantamento de Dados Escolares

MEC – Ministério da Educação

PNAD – Programa Nacional de Avaliação e Desenvolvimento

SAEB – Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica

SEEC – Secretaria De Estado de Educação e Cultura

INTRODUÇÃO

> Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda.
>
> Paulo Freire

O problema do fracasso escolar que gera evasão e repetência nas séries iniciais da Educação Básica vem sendo amplamente discutido nos meios educacionais. Muito já se tem feito e nenhuma solução foi encontrada nesse sentido.

Neste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), propomos buscar uma compreensão que vise esclarecer as causas que levam um grande número de alunos da 5ª série do Ensino Fundamental, de uma escola pública do município de Nova Lacerda a essa deficiência, bem como analisar se este fato está ou não presente no contexto de 1ª a 4ª séries e de que maneira isso ocorre.

Para a efetivação deste estudo, buscamos considerar o que pensam os professores e os alunos das séries em estudo, a respeito do fracasso escolar através de pesquisa num enfoque quantitativo e, posteriormente, ao estudo etnográfico na escola supracitada, da seguinte forma:

- Aplicação de questionário para 4 professores de 1ª a 4ª séries dos períodos matutino e vespertino, bem como aos seus alunos que apresentam dificuldades na aprendizagem, um total de 40 alunos.
- Aplicação de questionário para 5 professores das 5ª séries "A, B" e "C", dos períodos matutino e vespertino, bem como aos seus alunos que apresentam dificuldades na aprendizagem, um total de 27 alunos.
- Observação dos professores e alunos no contexto escolar, no que diz respeito ao relacionamento, aplicação de conteúdo e metodologia.

Utilizamos ainda, de levantamento e análise de dados em documentos e órgãos governamentais. Para tanto, recorremos:

- às Atas de Resultado Final e ao relatório do Censo Escolar da referida entidade;
- aos dados gerais de educação fornecidos pelo INEP (Instituto Nacional de Estatísticas e Pesquisas Educacionais);
- à SEEC (Secretaria de Estado de Educação e Cultura);
- ao IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística);
- ao MEC (Ministério da Educação).

Ao todo foram entrevistados 9 professores que doravante serão denominados por números de 1 a 9 e que possuem um tempo de atuação de seis a nove anos no magistério e 67 alunos de 1ª a 5ª séries que apresentam história de fracasso escolar.

Dividimos nosso estudo em duas etapas, pois era nossa intenção conhecer e analisar os índices de evasão e repetência de 1ª a 4ª séries e, posteriormente, os índices da 5ª série. Dispensamos, porém, uma atenção maior à 5ª série por ser o nosso objeto de pesquisa.

Sendo assim, trazemos o primeiro capítulo: "Histórico das reivindicações por educação", salientando que, ao longo da história, diferentes setores populacionais vêm reivindicando educação e demonstram como estas reivindicações trazem efeitos sobre as políticas públicas educacionais. Podemos observar neste capítulo, a forma desorganizada como vêm se processando as Reformas Educacionais, não atendendo às demandas quantitativas e muito menos às qualitativas.

No segundo capítulo "Fracasso escolar no Brasil: evasão e repetência" são apresentadas considerações sobre a evasão e reprovação no Brasil e no município em que foi realizada a pesquisa. Buscamos dar um enfoque menos voltado para fatores históricos, trazendo o fracasso escolar no Brasil sob o prisma da globalização.

O capítulo "Fatores de exclusão escolar" mostra que a escola transmite idéia de uma sociedade excludente. Apesar de muitas reivindicações, até hoje a escola não conseguiu se estruturar e assim ela apresenta elevados índices de fracasso escolar proveniente de fatores dentre os quais podemos destacar: professores trabalhando fora de sua área de formação, uso excessivo de atividades.

Em "Contextualização histórica da escola objeto de estudo", quarto capítulo, descrevemos o surgimento, a estruturação e a organização da escola pesquisada e analisamos o contexto histórico brasileiro em que ela esteve e está inserida, demonstrando que a escola é fruto de aspirações e, por esse motivo, é utilizada por políticos, visando a garantia de seus interesses.

No quinto capítulo, "Concepções da repetência na escola", são apresentadas algumas concepções teóricas sobre o significado da reprovação. O assunto abordado dá sustentação ao desenvolvimento da análise dos dados, e amplia o entendimento referente aos índices de reprovação na 5ª série do ensino fundamental. No ítem 5.1 sob o tema, "Fracasso Escolar: conceitos e entraves", abordamos alguns conceitos e discutimos determinados entraves acarretados pelo fracasso escolar. Constatamos que este faz parte de uma tradição presente no sistema escolar e que somos fruto de uma cultura excludente.

Já no sexto capítulo, "O que pensam professores e alunos de 1ª a 4ª séries sobre o fracasso escolar", procuramos saber dos professores quais são, na concepção deles, as causas para a reprovação e evasão escolar, bem como o que a escola e eles próprios poderiam fazer para evitar esse fato. Analisamos também a opinião dos alunos das referidas séries a respeito de suas reprovações e desistências e, segundo eles, qual seria a participação da escola e professores para minimizar estes problemas.

No sétimo, "O que pensam professores e alunos das 5ª séries sobre a reprovação", apresentamos as análises das observações realizadas em sala de aula e dos questionários aplicados aos professores e alunos das referidas séries. Enfocamos, principalmente, as opiniões de professores e alunos sobre as causas da reprovação e evasão, bem como suas sugestões para o caso.

1 - HISTÓRICO DAS REIVINDICAÇÕES POR EDUCAÇÃO

A Educação Pública Brasileira, desde seu início se apresentou desigual para os diversos setores da população e desta feita, as questões que envolvem o fracasso escolar nos dias atuais têm suas raízes desde os primórdios da institucionalização do sistema escolar. Torna-se crucial observar alguns fatos históricos gerais que demonstram como, ao longo da história, os diferentes setores da população vêm reivindicando educação, e os efeitos que essas causam sobre as políticas públicas educacionais efetivadas.

Segundo Patto (1999), o século XIX foi marcado pelas Revoluções da Europa Ocidental iniciadas no final do século XVIII, a Política Francesa e a Revolução Industrial, e com elas surgiu uma nova organização social. A produção deixou de ser feudal e deu lugar à produção capitalista, refletindo mudanças em vários setores das sociedades em todo o mundo.

Ainda, conforme a autora, o sistema capitalista gerou um êxodo rural, inchando os grandes centros industriais, o que acabou propiciando o aparecimento de duas classes distintas: uma classe dominante "burguesia" e uma classe dominada "proletariado". Esta última formada por camponeses e ex-artesãos que anteriormente vendiam seus produtos aos mercadores que por sua vez controlavam os artesãos e os transformou posteriormente e gradativamente em assalariados. Os artesãos estavam subordinados aos mercadores, pois estes eram os fornecedores de matéria prima e dos instrumentos de produção. Os camponeses por sua vez eram proprietários de pequenas porções de terra, porém vítimas dos mais variados tipos de tributos.

À medida que a nobreza percebia seus rendimentos reduzidos devido ao crescimento comercial, buscava ocupar os cargos governamentais numa luta desesperada de ver seus "direitos" garantidos. E nessa transição do sistema feudal para o sistema capitalista os artesãos e camponeses deixam de ser independentes, pois são, conforme Patto (1999), destituídos de seus instrumentos de produção e se tornam assalariados a contra gosto. Os capitalistas iam acumulando capital e a situação do proletariado se tornando cada vez pior, o que acabou acarretando, em 1930, uma crise. O descontentamento não se restringia ao proletariado, mas também à pequena burguesia; a partir daí, de 1825 a 1848, sucederam-se crises periódicas que acumularam "sofrimentos" e "prejuízos" à classe trabalhadora.

Nas palavras da autora supracitada:

> No contexto desta crise, a diminuição da margem de lucro necessitava ser contida e o rebaixamento direto ou indireto dos salários era a medida mais eficaz no barateamento da produção. Diminuí-los tornou-se a meta: para atingí-la, o valor da mercadoria "força de trabalho" foi diminuído, trabalhadores mais caros foram substituídos e o trabalho da

> máquina interferiu sobre a quantidade e a qualidade de trabalho humano necessário (PATTO, 1999, p. 33).

A partir de então, a política girou em torno de reformas sociais sempre visando garantir os interesses da burguesia. A Europa Central, do Norte e os países fundados por seus imigrantes como, por exemplo, Estados Unidos, se tornaram superiores devido à sua economia e suas tecnologias fazendo com que os outros países ficassem a sua mercê. A esse respeito, a autora diz que "nos últimos anos do Século XIX, o mundo atingido direta ou indiretamente pela economia capitalista estava basicamente dividido em perdedores e vencedores, tanto dentro quanto fora das fronteiras nacionais" (PATTO, 1999, p. 37).

Para a autora, o século XX surgiu com grande migração dos povos, as cidades estavam se tornando cada vez mais povoadas e sem infra-estrutura, as desigualdades eram gritantes, visíveis através do contraste das vilas operárias com os bairros burgueses. Até mesmo entre os operários havia uma diferenciação e divisão caracterizada em "trabalhador respeitável" e o "pobre sem respeito", mas a classe trabalhadora não perdia a esperança de uma sociedade igualitária, pois segundo a autora até mesmo, "no nível político e cultural, mantém-se viva a crença na possibilidade de uma sociedade igualitária num mundo onde, na verdade, a polarização social é cada vez mais radical" (PATTO, 1999, p. 39).

Os operários respeitáveis buscavam com muito sacrifício e privações o estilo de vida dos burgueses, com isso, afirma a autora, "eles conseguiam manter uma fachada". Essa fachada passava a ilusão de que os operários respeitáveis eram bem sucedidos por mérito pessoal o que vinha ao encontro com o ideário iluminista dos burgueses, pois esses legitimavam sua superioridade racional e isso para eles explicava a existência de uma classe superior e outra inferior e neste contexto trilha "o advento dos sistemas nacionais de ensino" (PATTO, 1999, p. 41).

A escola na Europa e na América do Norte então, passa a buscar, segundo Zanotti (1972) apud Patto:

> a ilustração do povo, a instrução pública universal, obrigatória, a alfabetização como instrumento [...]. A escola universal, obrigatória, comum – e, para muitos, leiga – será também o meio de obter a grande unidade nacional, será o cadinho onde se fundirão as diferenças de credo e de raça, de classes e de origem (ZANOTTI, apud PATTO, 1999, p.42).

A autora já mencionada salienta ainda que,

> até então a própria fábrica se encarregava de educar seus operários, pois neste período, a escola também não é necessária enquanto constituição destinada a fixar um determinado

> modo de sociabilidade, sua dimensão reprodutora das relações de produção, via manipulação e domesticação da consciência do explorado, também era dispensável num momento em que este ainda não se constituira como força de oposição ao estado de coisas vigente e enquanto as instituições religiosas davam conta do papel justificador das desigualdades existentes (PATTO,1999, p. 44).

As questões relatadas acima vêm propiciar o entendimento de que a escola então é vista pelos pobres como uma esperança de vida melhor; porém essa crença começa a ser desmistificada no século XX.

Na concepção de Patto (1999), as pressões populares por educação desempenham um papel importante na expansão da rede escolar nos países capitalistas, no entanto a França foi o berço das teorias do determinismo racial e isso refletiu diretamente no Brasil, pois a escola brasileira foi pensada na filosofia francesa que concebia as diferenças como: raças superiores e inferiores por hereditariedade, carência cultural, etc...

Assim, segundo Romanelli (2002), desde o inicio da colonização brasileira, a educação foi um veículo de dominação, naquela época ela era de responsabilidade dos jesuítas, estes divulgavam hábitos de vida, idéias, formas de educação e principalmente divulgavam a cultura de uma sociedade com um alto nível de complexidade e que se divergia por completo da realidade do Brasil. Para esta autora:

> a forma como foi feita a colonização das terras brasileiras e, mais, a evolução da distribuição do solo, da estratificação social, do controle do poder político, aliado ao uso de modelos importados de cultura letrada, condicionaram a evolução da educação escolar brasileira (ROMANELLI, 2002, p. 23).

Este condicionamento garantiu um desnível, transmitido principalmente através da escola. A escola se tornou um instrumento de transmissão de desigualdades visando garantir os interesses de quem detinha o poder. Isto porque, como bem explica Romanelli (2002), o remanejamento das forças na estrutura de poder gerou pequenas mudanças na organização do ensino, mas estas nunca deixaram de obedecer aos interesses da classe dominante.

Do primeiro descontentamento do povo com a educação entre outras coisas, resultou a expulsão dos jesuítas em 1759, expulsão esta que ocorreu devido à decadência econômica do Reino Português o que foi ocasionado pelo atraso cultural e o fanatismo religioso. No Brasil este descontentamento ocorreu devido a atritos em torno da questão da escravização dos índios. Para Romanelli (2002), "inúmeras foram as dificuldades daí decorrentes para o sistema educacional. Da expulsão até as primeiras providências para a substituição dos educadores e do sistema jesuítico transcorreu um lapso de 13 anos" (ROMANELLI, 2002, p. 36).

A partir de então o Estado assumiu os encargos da educação, mas na realidade a situação não mudou e o ensino continuou com o mesmo objetivo religioso, induzindo à submissão. O Estado priorizou o ensino secundário e superior, o que para Patto (1999), garantiu aos mais ricos o diploma e o passaporte para os altos cargos públicos. Dessa forma a educação se tornou privilégio de poucos.

Conforme Romanelli (2002), o Brasil continuou assim até a Revolução de 1930, ocasionada pelas campanhas liberais, devido a insatisfação de segmentos sociais. O período que transcorre de 1930 a 1964 é marcado por diversos movimentos e revoluções que procuravam promover rompimentos políticos e econômicos. A educação continuava na mesma, servindo apenas para garantir submissão, seu papel era apenas treinar e qualificar mão de obra. A economia de subsistência presente neste período acabava gerando um grande desinteresse pela escola, pois esta era descontextualizada, não vinha ao encontro da realidade da sociedade, a população não percebia utilidade na educação ministrada pelas escolas. O interesse só começou a surgir quando se iniciaram as atividades industriais e, nas palavras de Romanelli, citando uma afirmação de Lourenço Filho, "isso se dá quando cresce a ocupação terciária devido ao crescimento da economia de mercado" (2002, p. 42).

Isso ocorreu até então, segundo a autora, devido à forma como se havia instalado o regime republicano no Brasil e como nada da estrutura sócio-econômico das elites havia se modificado, acabou garantindo de um lado, que não ocorresse pressão de demanda social por educação e, de outro, que não se ampliasse a oferta, nem se registrasse real interesse pela educação pública, universal e gratuita. Desta forma para a autora, "Não é, pois, à falta de recursos materiais que se deve imputar maior soma de responsabilidade pela ausência de educação do povo, mas a estrutura socioeconômica que sobreviveu com a República" (ROMANELLI, 2002, p.60).

O interesse por educação acompanhou a industrialização, isso acabou por gerar um grande problema educacional que são as desigualdades educacionais. Como no Brasil houve uma disparidade de desenvolvimento industrial nas diferentes regiões e como havia maior procura por educação nas respectivas áreas com atividades industriais, o país desenvolveu uma história de fracasso escolar também díspar; possui ainda hoje em seu território, fortes desigualdades educacionais, este ainda é um fenômeno que precisa ser superado como podemos observar no quadro 01 "Rendimento e Movimento Escolar" em anexo, onde aparecem índices de reprovação mais elevados nas regiões Norte e Nordeste do Brasil, revelando índices de disparidades entre os Estados.

Voltando às questões de lutas de classe, observamos que com essas lutas ocorridas devido à expansão do capitalismo, ocorreu também a expansão escolar:

> a expansão escolar, que se verificou a contar de então, foi afetada por essa luta, porque oscilou entre necessidades sociais decorrentes do desenvolvimento das relações capitalistas e temores vinculados à luta de classes que se aprofundou na mesma época em ligação dialética com o referido desenvolvimento. Essa luta assumiu no terreno educacional característica assaz contraditória, uma vez que o sistema escolar, a contar de então, passou a sofrer, de um lado, a pressão social de educação, cada vez mais crescente e cada vez mais exigente, em matéria de democratização do ensino, e, de outro lado, o controle das elites mantidas no poder, que buscavam, por todos os meios disponíveis, conter a pressão popular, pela distribuição limitada de escolas, e, através da legislação do ensino, manter o seu caráter "elitizante" (ROMANELLI, 2002, p. 61).

Essa luta levou o país a uma desorganização que tem gerado sucessivas reformas, que na realidade, não tem atingido as práticas escolares e estas não tem demonstrado grandes melhoras. Segundo Viñao (2001), elas estão impregnadas de boa vontade, mas não passam de um meio de mascarar a realidade, pois as reformas divergem da nossa realidade. Para o autor, elas servem para "ocultar a ausência de uma política efetiva de melhora [...] as reformas derivam de um ritual que justifica a existência de reformadores e legitima uma determinada situação política" (VIÑAO, 2001, p.21).

Assim, conforme Romanelli, explica-se a forma desorganizada em que a educação se processou, não atendendo as demandas quantitativas e, muito menos, as qualitativas. Mas, como podemos observar no quadro demonstrativo abaixo, apresentado pela autora, a sociedade brasileira, cada vez em número maior, buscava se escolarizar:

Quadro 2 – Evolução do Crescimento Populacional e Escolarização no Brasil da População de 05 a 19 anos, de 1920 a 1970.

ANO	POP. DE 5 A 19 ANOS	MATR.. NO PRIMARIO	MATR. NO ENS MÉDIO	TOTAL DE MATR.	ESCOLARIZAÇÃO %	CRESC. DA POP.	CRESC. DA MATR.
1920	12,703,077	1,033,421	109,281	1,142,702	8,99	100	100
1940	15,530,819	3,068,269	260,202	3,328,471	21,43	122,26	291,28
1950	18,826,409	4,366,792	477,434	4,924,226	26,15	148,20	430,92
1960	25,877,611	7,458,002	1,177,427	8,635,429	33,37	203,71	755,70
1970	35,170,643	13,906,484	4,989,776	18,896,260	53,72	276,86	1,653,64

*Dados estimados. Fonte de dados bruto: Fundação do IBGE: Série Estatística Retrospectivas, 1970. Revista brasileira de Estudos Pedagógicos, n.101. Werner Baer, A Industrialização e o Desenvolvimento Econômico no Brasil, F.G.V. Estatística da educação Nacional. 1960 – 1971.

Vale lembrar que durante esse período a educação passou por uma série de tendências pedagógicas que faziam críticas à educação institucionalizada. Conforme Ghiraldelli Júnior, são elas:

- Escolanovismo piagetiano: enfatiza o desenvolvimento da criança segundo fases cronológicas.
- Tecnicismo pedagógico: Invoca os princípios de racionalidade, eficácia e produtividade e, concomitantemente, embasa-se na ótica do "enfoque sistemático".
- Não-diretivismo: Pedagogia de oposição ao regime frente ao tecnicismo pedagógico.
- Escolanovismo espiritualista: Tem os mesmos ideais de respeito "a individualidade da criança, cultivo à infância, incentivo à criatividade, busca de liberdade do escolanovismo, porém busca um mundo não cientificizado" (1994, p. 38).
- Escolanovismo popular: Representa a Escola Nova popular, busca a construção de uma educação para as classes populares.
- Teoria crítica reprodutivista: Nessa tendência há uma espécie de antipedagogia, critica a educação escolar institucional.
- Teoria de desescolarização: Teoria que se baseia na tese de que uma educação democrática só poderia ser efetivada fora da escola.
- Teorias antiburocráticas: Aponta os pontos principais da pedagogia libertária: autogestão, autonomia do indivíduo, solidariedade operária, autogestão do ensino.
- Teoria histórico-crítica: Aborda a problemática educacional sob vários ângulos: filosófico, historiográfico, econômico, político.

Ainda, na concepção de Ghiraldelli, as lutas por educação popular no período de 1930 foram marcadas pelo Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova – resultado de discussões em torno de questões cruciais que visavam a gratuidade do ensino – criação dos Decretos, da Lei Orgânica do Ensino que tratou de organizar o ensino das elites, votação da Constituição fixando as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Convenção em defesa da escola pública, vários movimentos estudantis e vários escritos.

As várias lutas pela educação pública e gratuita no Brasil, ao longo da história educacional, impulsionaram as políticas educacionais nos dias atuais, a efetivarem as orientações em torno de alguns direcionamentos tais como: participação da sociedade civil

organizada na administração do sistema educacional; saber escolar de boa qualidade para todos os cidadãos, proporcionado pelo Estado; alfabetização dos "marginalizados da escola" – reivindicado ao Estado pelos empresários; qualidade, participação, democracia e autonomia entre outras reivindicações, que podem ser observadas nos direcionamentos da LDBEN e do FUNDEF.

Embora num primeiro momento se tenha a impressão de que a educação está sendo valorizada e que políticas mais adequadas estão sendo efetivadas, a escola não deixou de servir a interesses políticos, o Estado continua o definidor de políticas educacionais, e nem todas as políticas atendem às demandas da população. Segundo Torres (1997), a educação tem a dupla função de preparar trabalhadores e cidadãos. Para o autor, em uma sociedade, formar cidadãos significa igualdade de oportunidades e respeito aos direitos humanos, porém formar trabalhadores é ensinar-lhes habilidades fundamentais ao trabalho. Dessa forma a escola se vê num viés que busca atender a duas classes. No entanto, as escolas:

> São instituições conservadoras por natureza. Na ausência de uma pressão de mudança externa, as escolas tendem a preservar as relações sociais existentes. Nos períodos históricos em que os movimentos sociais são fracos e a ideologia empresarial (business ideology) é muito forte, a escola tende a fortalecer o seu papel de reproduzir trabalhadores suscetíveis de trabalhar sob relações sociais capitalistas, numa divisão do trabalho profundamente desigual. Pelo contrário, quando tais movimentos sociais se fortalecem e desafiam a existência dessas relações capitalistas, as escolas se movem no sentido de ampliar a igualdade de oportunidades e expandir os direitos humanos (TORRES, 1997, p.87).

Mas, independente desta oscilação, é importante ressaltar que o número de crianças que estão freqüentando a escola é cada vez maior, resultado de uma política voltada à ampliação do acesso à escola, como podemos observar no demonstrativo a seguir:

Quadro 3 – Taxa de escolarização bruta e líquida na faixa etária de 7 A 14 anos – Brasil e regiões – 1991 e 1996.

Região/Ano	População de 7 a 14 anos	Matrícula Ensino Fundamental	Escolariza-ção Bruta %	Matrícula Ensino Fundamental 7 a 14 anos	Escolariza-ção Líquida %
Brasil					
1991	27.611.580	29.203.724	105,8	23.777.428	86,1
1996	28.525.815	33.131.270	116,1	25.909.860	90,8
Norte					
1991	2.248.157	2.246.339	99,9	1.780.876	79,2

1996	2.417.649	2.820.531	116,7	2.171.209	89,8
Nordeste					
1991	9.010.532	8.650.474	96,0	6.528.914	72,5
1996	9.180.333	10.475.469	114,1	7.601.089	82,8
Sudeste					
1991	10.737.330	11.965.480	111,4	10.185.214	94,9
1996	11.127.665	12.958.674	116,5	10.558.852	94,9
Sul					
1991	3.811.860	4.201.369	110,2	3.589.194	94,2
1996	3.899.007	4.475.774	114,8	3.773.730	96,8
C. Oeste					
1991	1.803.701	2.140.062	118,6	1.693.230	93,4
1996	1.901.161	2.400.822	126,3	1.804.980	94,9

Fontes: MEC/INEP/SEEC e IBGE. Disponível em: <http://www.ucb.br/letras/materiais/est_ing/pne.htm.

A partir do exposto, entendemos que a história da educação brasileira apresenta as raízes do fracasso escolar em dois fatores fundamentais: primeiramente porque nem todos tinham acesso a ela, depois porque sempre esteve atrelada a interesses políticos. Assim, embora a Constituição Federal garanta o direito à educação a todos os cidadãos, o que se observa é que a população precisa lutar para que esse direito seja garantido. Desse modo, o fracasso escolar já se apresenta implícito desde o início da escolarização, ou seja, desde quando a escola pública foi instituída, ela se apresentou desigual para as diferentes classes sociais.

2 - FRACASSO ESCOLAR NO BRASIL: EVASÃO E REPETÊNCIA

O ensino na escola pública brasileira vem passando por transformações com a globalização do mercado e avanço da tecnologia, em decorrência das transformações nas várias esferas da vida social e as escolas públicas também não podem ficar isentas a essas mudanças. De acordo com Shiroma (2002), as mudanças ocorridas no final do século XX são marcadas pelo processo da globalização econômica e cultural, as quais estão exigindo novas dinâmicas de interação social que propiciem a reflexão crítica dos paradigmas atuais e das práticas sociais vigentes. As práticas pedagógicas desenvolvidas no momento atual nas escolas públicas precisam estar embasadas nesses novos entendimentos já referidos acima, ou seja, a escola precisa rever seu papel nessa nova configuração de globalização para propiciar educação de qualidade.

Segundo Shiroma (2002), nas últimas décadas, a qualidade do ensino na escola pública brasileira vem sendo discutida, principalmente em relação ao grande índice de repetência e evasão. A educação no Brasil passa por mudanças lentas desde o período colonial, porém, a obrigatoriedade do ensino passou a surgir com a lei 5692 para alunos na faixa etária de 7 a 14 anos, e a partir daí a expansão do sistema escolar passa a ter um processo atropelado. O estado, com vista ao atendimento das pressões do momento, desenvolve política nacional de educação que muitas vezes não corresponde às reais necessidades da maioria das escolas públicas. Assim a oferta da educação parece não estar sendo efetivada de forma satisfatória, principalmente em relação à qualidade e quantidade.

A expansão da educação no Brasil obedece às normas de uma sociedade heterogênea marcada por uma herança cultural academicista e aristocrática. Em 1988, promulga-se a constituição atualmente em vigor e, a partir desta lei, em 1995 o Ministério da Educação e Cultura (MEC) adota uma política de valorização da educação pública brasileira, voltada para a prioridade do ensino fundamental, pois,

> As políticas públicas para o Ensino Fundamental são definidas a partir da constatação de que sua compulsoriedade não tem sido completada pelas crianças brasileiras, além de contar com 63% de distorção idade-série. O MEC avalia que as vagas seriam suficientes se não houvesse tanta repetição. Embora não se tenha alcançado a universalização do fundamental, considera-se desnecessário expandir a rede pública de ensino alegando que para resolver devidamente essas questões é prioritário melhorar a articulação entre o governo federal, os estados, os municípios e as ONGs [...] (SHIROMA, 2002, p. 90-91).

A meta maior dessas ações se restringe à promoção da eficiência e qualidade desse nível de ensino passando a apresentar uma melhoria no sentido de material didático assim como

a preparação dos profissionais da educação. Com a implantação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN Lei 9.394/ 96), a educação toma novos rumos; o aluno passa a ter uma maior participação nas atividades escolares assim como a comunidade em geral passa também a fazer parte dela. A partir dessa lei os municípios passam a responder por uma responsabilidade maior com o ensino fundamental.

Segundo a LDBEN 9.394 /96, em seu artigo 3°, inciso I, um dos princípios do ensino é garantir a igualdade de condições para o acesso e permanência na escola. Portanto, garantir formas de aprendizagem que motivem o aluno e que facilitem a aquisição de conhecimentos, de modo que o estudante obtenha um resultado satisfatório, é também uma maneira de garantir a permanência desse aluno na escola e, conseqüentemente permitir uma continuidade em seus estudos, tendo em vista principalmente a formação de cidadãos conscientes e aptos a enfrentar as exigências da sociedade moderna. Observamos, contudo que esses princípios, visavam melhorar a qualidade do ensino, reduzir a evasão escolar e combater as altas taxas de repetência, porém, tais finalidades embutidas na melhoria dos resultados educacionais foram o que deu o ponto de partida para que se iniciasse em 1995, uma reforma curricular em todos os níveis de ensino acreditando na diminuição do alto índice de evasão escolar e repetência.

Para Mello (2002), no Brasil, o descaso com a evasão escolar se traduz na dificuldade em se encontrar pesquisas com estatísticas que apresentem resultados para além de dados quantitativos sobre o assunto, são importantes também os dados qualitativos, pois esses podem apresentar os motivos da evasão e repetência, o que facilitaria elaborar planejamentos mais condizentes com realidades analisadas. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), por exemplo, há mais de 30 anos não faz um levantamento dos índices e dos motivos da evasão escolar, sendo que a escola pública no Brasil foi remodelada para sanar as necessidades de formação de mão-de-obra, uma formação técnica com a produção de profissionais em massa.

Não há preocupação com os conteúdos e com a produção do saber, nem de um currículo que se encontre contextualizado num projeto global que forme cidadãos autônomos que se localizem no espaço e no tempo. Os conteúdos devem ser significativos para o aluno e devem emergir do cotidiano deles e o professor não deve se nortear unicamente pelo currículo oficial normativo. É a partir do diálogo entre os conhecimentos científicos e os saberes dos alunos que ocorre a construção do saber pelos mesmos.

> A ordem da lei se impõe por meio de um poder essencialmente punitivo, coercitivo, que age excluindo, impondo barreiras, seu mecanismo fundamental é o da repressão. A lei é teoricamente fundada na concepção jurídica, discursiva do poder histórico, politicamente criado pelo estado medieval e clássico. A norma pelo contrário, tem seu fundamento histórico-político nos estados modernos dos séculos XVIII e XIX, e sua compreensão teórica explícita pela noção de dispositivos. Os dispositivos são formados

> pelo conjunto de práticas discursivas e não discursivas que agem, a margem da lei, contra ou favor delas, mas de qualquer modo empregada uma tecnologia de sujeito próprio (COSTA, 1983, p. 50).

A educação deve propiciar o desenvolvimento em cada pessoa de sua capacidade cognitiva e crítica, mas com um sistema educacional deficiente, terá poucas chances de desenvolver tais capacidades, é preciso observar que num mundo globalizado onde cada vez mais se individualiza o sistema de trabalho e no qual a inclusão ou exclusão possa vir a ser fator de melhoria das condições de vida, a escola necessita urgentemente dar conta de responder pelo seu papel de socializar os conhecimentos científicos, e garantir educação de qualidade sem distinção de grupos.

3 - OS FATORES DE EXCLUSÃO ESCOLAR

A evasão escolar é o afastamento do aluno da escola. Conforme informações do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP, 2001), esse desvio se dá por vários motivos, tais como: situação da família, faltam vagas nas escolas, distância da escola, problemas de relacionamento entre professor e aluno, gravidez precoce, falta de interesse e incentivo dos pais e da própria escola, entre outros. A pobreza é um dos fatores que obriga os jovens a ingressar precocemente no mercado de trabalho, afastando-o da escola, alguns ainda tentam conciliar horário escolar com as atividades profissionais e acabam se sobrecarregando com a grande responsabilidade. A maioria dos jovens que se encontram nessa situação trabalha em período integral e reservam o horário noturno para os estudos.

> O ingresso precoce da criança no mercado de trabalho tem refletido negativamente na aprendizagem, segundo dados do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (SAEB) de 2001. No Brasil o número de alunos da 5ª série que trabalha representa 14,5% do total, os dados levantados mostram ainda que 30% dos alunos que trabalham têm desempenho considerado muito crítico (INEP, 2001).

A questão da desigualdade brasileira, em relação aos vários parâmetros se diferencia no Brasil como um todo. Os índices de reprovação no ensino fundamental, segundo a tabela abaixo, revelam que a 1ª e a 5ª séries são gargalos na trajetória escolar de parte significativa das crianças brasileiras que conseguem se manter no sistema.

Quadro 4 – Ensino Fundamental – Taxas de Reprovação por série – Brasil e Regiões – 1996-1997.

Unidade da Federação	Taxa de Reprovação por Série (%)								
	Total	1ª s.	2ª s.	3ª s.	4ª s.	***5ª s.***	6ª s.	7ª s.	8ª s.
Brasil									
1996	14,2	19,1	16,7	12,4	9,2	***17,0***	13,7	10,4	7,3
1997	11,4	18,3	13,7	9,1	7,1	***12,4***	9,8	7,6	5,4
Norte									
1996	19,0	26,3	20,0	15,4	12,3	***22,2***	17,0	12,1	8,9
1997	16,7	25,1	17,9	13,6	10,8	***16,4***	11,5	8,5	7,0
Nordeste									
1996	17,6	25,5	20,3	15,2	11,5	***16,1***	12,9	10,4	7,7
1997	15,5	22,9	17,7	13,1	9,9	***14,4***	11,0	8,6	6,0

Sudeste									
1996	10,1	6,7	13,4	10,2	6,4	***15,5***	11,7	8,4	5,9
1997	6,6	7,1	8,9	4,9	3,7	***9,2***	7,5	5,8	4,4
Sul									
1996	14,9	18,5	14,6	10,7	10,4	***19,8***	18,4	14,4	9,3
1997	11,5	17,0	12,9	8,8	8,3	***13,9***	11,9	9,7	6,1
C. Oeste									
1996	14,8	19,6	15,9	12,4	9,5	***18,4***	15,8	12,6	9,0
1997	12,5	17,2	13,4	10,4	7,5	***15,7***	13,1	10,5	7,5

Fonte : MEC/ INEP/SAEB/ 1997

O coeficiente de eficácia revela que em 1998, eram precisos 10,3 anos em média para que a maioria das crianças concluísse as oito séries. Ademais, muitos eram excluídos do sistema antes de completar a educação obrigatória que ostentava em 1997, uma taxa de sobrevivência de apenas 66,2%. Como se não bastasse, o SAEB de 1997 revelou ser extremamente pequena a porcentagem de alunos da 4ª série do ensino fundamental que domina o conjunto de competências básicas esperada para esse nível. O indicador de repetência é aquele que consegue agregar as diferentes formas de exclusão dentro da sala de aula, no universo educacional brasileiro, um grupo de 35 milhões e 700 mil crianças matriculadas no ensino fundamental. São crianças de 7 anos acima, dos quais 21% são repetentes, esse é um fator bastante grave dentro da situação educacional, pois eram taxas que vinham caindo de forma bastante acentuada desde o início dos anos 1990 e, nesses três últimos anos a taxa de repetência se estabilizou em torno de 21%.

As crianças estão dentro da sala de aula, sendo reprovadas, e ao cruzar este dado com os resultados do SAEB, verifica-se que elas não estão aprendendo, portanto esses dados configuram uma situação grave em termos educacionais, especialmente em um país que almeja os parâmetros internacionais de qualidade de acesso e garantia de aprendizagem para todas as crianças. Para Lahire (1997),

> [...] só podemos compreender os resultados e os comportamentos escolares da criança se reconstruirmos a rede de interdependências familiares através do qual ela constitui seus esquemas de percepção, de julgamento, de avaliação e a maneira pela qual este esquema pode "reagir" quando funciona em formas escolares de relações sociais. De certo modo podemos dizer que os casos de "fracassos" escolares são casos de solidão dos alunos no universo escolar. Muito pouco daquilo que interiorizaram através da estrutura da existência familiar lhe possibilitam enfrentar as regras do jogo escolar (LAHIRE, 1997, p.19).

A alta incidência de repetência, evasão e a situação escolar nas áreas urbanas e rurais, mostram que no Brasil a possibilidade de que a educação seja um instrumento para atingir níveis mais elevados de desenvolvimento econômico e bem estar social, está seriamente comprometido. "A reprovação é aparentemente o retrato da máxima falta de afeto, alimentação e saber" (ABROMOWICZ, 1994, p. 25).

Nesse sentido, a reprovação deve ser tratada com um olhar mais atento através da caminhada pela história, pois vivemos com a riqueza mais hostil e a pobreza mais miserável. Porém, com muito otimismo ainda podemos crer que a escola pode e deve transformar essas posições de negatividade visto que somos sujeitos sócio-ativos, não somos plenamente dominados.

Como se observou anteriormente, a escola se reporta em sua existência, aos próprios mecanismos de reprodução e denominação da sociedade capitalista, sobre a qual reproduz mobilizados discursos ideológicos a favor dos grupos dominantes; a escola se constitui ideológica e autoritária.

Freire relata sobre como se apresenta a forma de dominação na sociedade.

> [...] as elites dominadoras vão tentando conformar as massas populares a seus objetivos. E quanto mais imaturas politicamente estejam elas, tanto mais facilmente se deixam manipular pelas elites dominadoras que não querem que se esgote seu poder (FREIRE, 1987, p.144).

Disso é possível observar que há todo um jogo de inculcação de valores culturais veiculados pela classe dominante que busca promover suas existências. Nesse sentido, inaugura-se na sociedade uma discriminação e um processo de inclusão e exclusão, do que serve ou não, do que pode ou não ser significativo para os homens na sociedade.

> Desde 1990 a ONU, apesar de seus lucros neoliberais, insiste na tecla de que o centro da pobreza não seria a carência material, mas a dimensão política da exclusão que resulta o fator mais decisivo de sua debelação: seria a educação, no campo das políticas públicas, e a organização política coletiva, no campo civil. Definindo-se desenvolvimento como oportunidade, a pergunta sobre que fatores estariam mais próximos da elaboração histórica das oportunidades dos povos, o primeiro aceno cabe à educação, porque não só é capaz de abrir um horizonte mais visível de oportunidades como, sobretudo, é capaz de promover um sujeito apto a fazer-se oportunidade, a seguir como parece o indicador da expectativa de vida, porque tem mais oportunidade quem consegue viver melhor. Por fim enrola-se o poder de compra, apontado para as necessidades materiais propriamente ditas. Dentro desta maneira de ver, a exclusão social é menos representada pela miséria material do que pelo déficit de cidadania (DEMO, 2001, p.175-176).

Um dos maiores desafios da educação brasileira enfrentada atualmente é a inclusão de adolescentes e adultos na escola, e também no mercado de trabalho. De um lado temos o avanço tecnológico e de outro a exclusão gerada pela má distribuição de bens e serviços. É

desafio porque a educação brasileira precisa encontrar e propor alternativa capaz de conciliar crescimento tecnológico e trabalho assalariado. Não podemos ser ingênuos a ponto de acreditar que existe lugar e oportunidade para todos. Levando em consideração que se vive em um país cujo modo de produção é o capitalista, o debate acerca da inclusão no mundo do conhecimento formal e do emprego se faz relevante.

4 - CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DA ESCOLA OBJETO DE ESTUDO.

O Brasil tem apresentado problemas com relação à educação pública e estes podem ser observados principalmente nas quatro primeiras séries do Ensino Fundamental, culminando em altos índices de fracasso escolar nas 5ª séries, como veremos posteriormente. Como exemplo podemos citar que os professores são mal pagos, desestimulados, trabalham muitas vezes em condições inadequadas, são desprestigiados junto aos governantes e à mídia. Estes problemas surgem de políticas implementadas até os dias atuais, pois, não se levam em consideração os contextos mais amplos e diversos do Brasil.

Para confirmar este fato serão utilizados alguns dados apresentados por Santos (1997). Segundo a autora, em 1982 o Brasil apresentava uma população de 125 milhões de habitantes, sendo que destes, um terço estavam em idade de ler e escrever, porém eram analfabetos. Dos milhões de pessoas com até 10 anos de idade, 29 milhões possuíam entre um a quatro anos de estudo e o Brasil apresentava ainda uma grande defasagem idade-série.

Os dados citados, segundo a autora, revelam a precariedade da educação no início da década de 80, época do surgimento da escola pesquisada neste trabalho. A educação, apesar de garantida desde 1948 através dos Direitos Humanos, continuou secundarizada, "até porque seus recursos financeiros dependiam e ainda dependem, para alocação, fundamentalmente de decisões situadas na esfera política" (SANTOS, 1997, p 28). Notamos que os políticos percebendo que a escola era uma das principais aspirações expressas nas reivindicações da população, utilizaram-na para promoções políticas e buscaram, desta forma, garantir interesses ligados a empreiteiras que financiavam campanhas eleitorais; isso garantiu, em parte, o acesso à escola, porém não significou uma educação de qualidade, fator que acabou favorecendo o agravamento do fenômeno fracasso escolar.

Neste contexto, em 1987 surgiu a escola pública do município de Nova Lacerda, quando este ainda era distrito do município de Vila Bela da Santíssima Trindade-MT. Em consonância com Patto (1999), que a partir de pesquisas em Kessel (1954) e Barretto (1984), afirma que levantamentos realizados desde os anos de 30 até os anos 90 mostram índices de evasão e reprovação, sem que se pudesse constatar índices de melhoria dos serviços prestados pela escola à população, é o que observamos na escola pública de Nova Lacerda.

O referido município foi fundado em 16 de julho de 1986 e rapidamente foi crescendo com a vinda de migrantes de várias regiões brasileiras. Atualmente conta com uma população de aproximadamente 6.000 habitantes, sendo 60% na zona urbana e 40% na zona rural. As

principais atividades econômicas baseiam-se na agricultura, pecuária e extrativismo mineral; o setor agrícola é basicamente formado por pequenos produtores.

A escola objeto do presente estudo foi criada em 1987, conforme a lei 587/87 de 20/08/87, autorizada a funcionar conforme a resolução nº 246/92, Conselho Estadual de Educação (CEE/MT), publicado no Diário Oficial do Estado de Mato Grosso, em 24/11/92, e o objetivo era atender o Ensino Fundamental de 1ª a 4ª série. As duas primeiras salas foram construídas no terreno da Igreja Católica Nossa Senhora do Carmo numa estrutura muito simples, de madeira. Em 1989 foram construídas mais três salas e como a demanda era grande, vários salões particulares foram alugados. Em 1991 foi aprovado um projeto para ampliação da escola e no ano seguinte foram construídas quatro salas em alvenaria na Avenida São Bernardo, onde hoje se encontra localizada. Neste período a escola começou a atender todo o Ensino Fundamental nos períodos diurno e noturno.

No início das atividades a maioria dos professores era leiga e apenas duas professoras tinham o magistério. A partir de 1991, diante de um longo atraso salarial, os professores começaram a reivindicar seus direitos e a relação professores/políticos foi ferida. Por possuírem opiniões opostas à do partido eleito os professores passaram a ser perseguidos, houve diminuição de salários maus tratos e humilhações, o que só foi resolvido no Ministério do Trabalho em Cáceres. Com a perseguição e o afastamento dos professores, os alunos ficaram prejudicados, pois passaram a receber aulas de pessoas não capacitadas, isto é, dos próprios alunos de séries mais avançadas que passaram a ocupar o lugar dos ex-professores.

Surge então um movimento pela emancipação do distrito e com a efetivação desta em 1997 é instituída a Secretaria de Educação do recém-criado município. As prioridades da secretaria foram a imediata contratação de professores com experiência em sala de aula, realização de vários cursos de capacitação, reforma e ampliação da escola e das cadeiras e mesas, doação de material escolar para alunos e professores, criação do Conselho Deliberativo da Comunidade Escolar e do Conselho de Alimentação Escolar, aquisição de ônibus para o transporte de alunos das regiões rurais para a escola, aumentado consideravelmente o alunado. No ano seguinte foi criado o Conselho do FUNDEF e adquiridos os primeiros livros da Biblioteca Escolar. Foi oferecido transporte para os vários professores que iniciaram sua formação superior nos municípios de Pontes e Lacerda e Comodoro-MT.

Houve sucessivas reformas e ampliações e atualmente, a escola conta com 17 salas de aula, refeitório, biblioteca com um acervo de aproximadamente 2.400 exemplares, videoteca, sala de informática, quadra coberta. Houve o desmembramento das escolas rurais e com o concurso público aumentou o número de professores formados, sendo 16 graduados e pós-

graduados e 15 em formação. A escola trabalha em regime seriado e oferece o ensino da Língua Inglesa desde a Educação Infantil.

Ocorre reunião de pais sempre que se faz necessário e por turma; os pais presentes lêem a ficha de acompanhamento de seus filhos e assinam o boletim. Os pais que não comparecem são convidados novamente a comparecerem através de um "convite", e ao recebê-lo, o aluno só volta a participar da aula se o pai comparecer à escola. Nesta visita, ele é informado do rendimento escolar, do comportamento, assina a ficha de acompanhamento de seu filho e, se necessário, é orientado pela psicóloga.

A recuperação paralela e a dependência foram implantadas no ano 2000 e asseguradas no Regimento Escolar que foi planejado em conjunto, porém com apatia de alguns professores. Atualmente o Regimento ora mencionado e o Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola estão sofrendo modificações sem o envolvimento da comunidade escolar, não que isto tenha sido negado aos professores, mas o Regimento Escolar, assim como o projeto, não conseguiu atingir a todos, devido a fatores de ordem político-administrativo não alcançando, assim, uma feição democrática.

Nas salas de aula os professores não seguem a tradicional fila de carteiras e os alunos têm a liberdade de se organizarem de acordo com suas necessidades. A partir das 3ª séries as aulas são atribuídas conforme a formação de cada professor nas áreas específicas, bem como as aulas de Artes, Língua Inglesa e Educação Física para os alunos da Educação Infantil, na 1ª e 2ª séries. Segundo informações declaradas no Censo Escolar, a defasagem idade-série é de 26.5% de 1ª a 4ª séries é de 58.4% de 5ª a 8ª séries. A média de alunos por turma é de 28.3% de 1ª a 4ª séries e 28.5% de 5ª a 8ª séries.

A participação da população na comunidade escolar tem garantido um número maior de crianças freqüentando a escola, porém não basta à escola só a presença, é preciso o efetivo cumprimento dos princípios e fins da educação nacional da Lei nº 9394/96 (LDBEN) que regulamenta:

Art 2º - A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

A Lei mencionada, no seu Art 3º estabelece os princípios norteadores do ensino. São eles:

I - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;

II - liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber;

III - pluralismo de idéias e de concepções pedagógicas;

IV - respeito à liberdade e apreço à tolerância;

V - coexistência de instituições públicas e privadas de ensino;

VI - gratuidade do ensino público em estabelecimentos oficiais;

VII - valorização do profissional da educação escolar;

VIII - gestão democrática do ensino público, na forma desta lei e da legislação dos sistemas de ensino;

IX - garantia do padrão de qualidade;

X - valorização da experiência extra-escolar;

XI - vinculação entre a educação escolar, o trabalho e as práticas sociais.

Muitas reformas têm sido lançadas na Educação com a aparente intenção de ver estes princípios e fins garantidos, o problema é que estas reformas não condizem com a realidade das instituições e raramente chegam a atingir o cotidiano escolar. A esse respeito Viñao (2001), afirma que:

> El carácter fundamentalmente histórico de la cultura y a-histórico de unas reformas que ignoran su existencia, explicaría la superficialidad de las reformas educativas; Él éstas, el general, se limite a rozar la epidermis de la actividad educativa sin modificar, pese a las veces manifestado, la escuela real, la realidad cotidiana de dicha actividad y la vida de los establecimientos docentes. Las reformas fracasan no porque, como es sabido, todas produzcan efectos no previstos, no queridos e incluso opuestos a los buscados; ya no porque originen movimientos de resistencia, no encuentren los apoyos necesarios o no acierten a implicar al profesorado la su realización, ya no porque, al aplicarse, se conviertan el un ritualismo formal o burocrático, sino porque, que su misma naturaza a-histórica, ignoran la existencia de la cultura escolar o gramática de la escuela, de este conjunto de tradiciones y regularidades institucionales sedimentadas a lo largo del tiempo,[...] (VIÑAO, 2001, p. 30)

Segundo Bossa (2002), precisamos buscar soluções para que a escola seja eficaz no sentido de promover o conhecimento e, assim, vencer problemas cruciais e crônicos de nosso sistema educacional.

5 - CONCEPÇÕES DA REPETÊNCIA NA ESCOLA

A escola pesquisada sempre se deparou com história de reprovação e evasão com índices bem elevados, o que instigou o desenvolvimento deste trabalho na tentativa de buscar subsídios que mostrem as causas que contribuem a elevar o índice de reprovação. O conceito de abandono, evasão, exige uma definição clara e precisa, sobretudo no que diz respeito à época de sua ocorrência, caso contrário pode ser confundida com o conceito de reprovação por freqüência. Segundo o Levantamento de Dados Escolares (LDE), o abandono é caracterizado pela situação dos alunos que deixaram de freqüentar a escola antes da avaliação final e não requereram transferência sendo, portanto, desistentes; a repetência por freqüência corresponde aos alunos que ao final do ano letivo não preencheram os requisitos mínimos de freqüência previstos em legislação.

Já a evasão ocorre quando o aluno faz a matrícula e não comparece à escola. Os dados sobre evasão são extremamente difíceis de obter, pois exigem um acompanhamento personalizado do destino do aluno. Freqüentemente muitos alunos deixam a escola no final do ano para evitar mais uma reprovação, a maioria deles retorna no ano seguinte. De acordo com Abromowicz (2002), "A condição de abandono ou evasão é definida para aquele que não é considerado aprovado ou reprovado porque deixa de freqüentar a escola e não há indicação de ter solicitado transferência para outra unidade escolar".

A reprovação pode levar à evasão quando o aluno se sente desmotivado devido às várias reprovações e muitas vezes, para não ser retido novamente, deixa a escola. A desistência ocorre geralmente devido às notas baixas e o aluno para não ser, ou já sabendo que irá reprovar, acaba desistindo da escola. Não se trata aqui de apenas apontar os fatores que causam o fracasso escolar, sejam eles familiares, carência cultural, alimentar, sociedade capitalista ou estado, dentre outros, trata-se de observar e analisar como e de que maneira todos estes elementos estão ou não presentes no que diz respeito à reprovação nas 5ª séries.

O quadro abaixo apresenta um levantamento através das atas de resultado final entre 1995 a 2005, da escola pública em referência que retrata os índices de reprovação e desistência no ensino fundamental.

Quadro 5 – Taxa de Reprovação e Desistência por série, (%), 1995 a 2005.

Série		1ª	2ª	3ª	4ª	5ª	6ª	7ª	8ª
1995	Reprov	33,3	11,1	23,7	7,8	***22,5***	30,0	-	-
	Desist.	30,6	34,4	28,8	28,9	***47,5***	25,0	33,3	-
	Reprov	20,9	19,7	23,8	4,2	***25,6***	-	12,5	-

1996	Reprov	20,9	19,7	23,8	4,2	***25,6***	-	12,5	-
	Desist.	22,2	19,7	19,0	19,1	***23,0***	5,2	31,2	9,0
1997	Reprov	20,4	27,1	24,3	8,3	***41,3***	27,5	16,6	14,2
	Desist.	31,3	11,9	12,1	16,6	***21,7***	20,6	16,6	14,2
1998	Reprov	25,0	23,8	12,3	4,7	***29,5***	11,1	5,8	6,2
	Desist.	17,3	9,5	16,0	11,1	***26,7***	22,2	11,7	25,0
1999	Reprov	31,7	11,0	23,7	18,5	***8,9***	1,7	-	3,2
	Desist.	5,4	3,6	10,0	8,6	***16,2***	12,2	3,2	6,4
2000	Reprov	-	19,4	21,1	7,3	***6,6***	8,7	6,1	-
	Desist.	11,4	2,9	6,7	8,5	***22,3***	14,2	8,1	21,9
2001	Reprov	-	-	6,3	3	***15,9***	5,4	5,6	-
	Desist.	-	-	4,7	4,0	***18,9***	14,4	1,4	23,2
2002	Reprov	-	14,5	14,1	15,2	***23,2***	25,4	17,6	7,5
	Desist.	7,6	1,7	7,4	2,8	***22,6***	11,4	18,6	12,1
2003	Reprov	8,5	20,8	37,4	35,8	***25,7***	31,0	10,7	13,2
	Desist.	13,8	6,7	6,8	4,4	***22,6***	13,7	18,2	5,8
2004	Reprov	13,3	16,4	22,2	16,6	***29,3***	16,1	16,8	6,0
	Desist.	15,7	17,1	17,1	12,5	***19,5***	26,7	21,3	13,4
2005	Reprov	17,9	13,2	17,3	17,5	***12,8***	-	-	-
	Desist.	8,9	1,6	4,3	6,6	***25,0***	-	-	-

Fonte: Atas de resultado final da escola pesquisada.

No quadro acima é possível observar que a reprovação não é maior devido a evasão, pois esta ainda se apresenta oculta nos índices de reprovação. Constatamos também, através do LDE, que o número de alunos matriculados vem aumentando consideravelmente em média 2% ao ano.

Estes indicadores apontam que nos três primeiros anos houve uma baixa no número de aprovação e aumentou o índice de desistência e reprovação. Porém nos anos de 2000, 2001 e 2002, esta situação mudou um pouco, houve um aumento de aprovação, diminuindo repetência e desistência e nos anos de 2003, 2004 e 2005, passou novamente a aumentar o índice de repetência e evasão, fazendo com que diminuísse a aprovação; em média o índice de reprovação e desistência dos alunos de 5ª série por ano é de 44,7%.

Da mesma forma, é preocupante o resultado divulgado através do Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB), que mostra o número de crianças fora das escolas, as quais nunca foram matriculadas, que gira em torno de 1,5 milhões no país. Outro número alarmante é o percentual de crianças repetindo o ano escolar, 22% por ano, uma a cada cinco crianças repetem a série, ou seja, 7,7 mil dos alunos. É evidente que isso tem um impacto no aluno como indivíduo, em sua auto-estima e na família, que se envergonha. Isto leva também ao desgaste do professor, e produz impacto enorme sobre os recursos públicos e sobre a oferta de vagas disponíveis para o ano letivo seguinte. Mas isso não quer dizer que se deva aprovar crianças sem que elas estejam preparadas para tal, deve-se procurar meios de fazê-las aprender, e um

desses meios é investir na formação de professores. Nesse sentido é preciso ficar atento, pois, muita criança está sendo excluída a partir da própria sala de aula, a ponto de se poder afirmar que o sistema está produzindo o analfabetismo, o que não é um sinal de qualidade.

O fracasso escolar é um dos problemas que se instalou no sistema educacional e condena parte considerável da população ao analfabetismo e ao analfabetismo funcional. Entende-se por analfabeto funcional, a pessoa que possui menos de quatro anos de estudos completos, pois, segundo a UNESCO, se tem verificado que a grande maioria das pessoas que interromperam seus estudos na 4ª série, ou antes, têm voltado ao analfabetismo. Conforme esta definição de analfabetismo funcional, em 2002 o Brasil apresentava um total de 32,1 milhões de analfabetos funcionais, 26% da população de 15 anos ou mais de idade.

Quadro 6 – Diferenças das taxas de analfabetismo funcional entre as grandes regiões.

Taxa de analfabetismo funcional das pessoas de 15 anos ou mais de idade, segundo as grandes regiões – 2002.		
	1992	2002
Brasil	36,9%	26%
Norte	33,2%	24,7%
Nordeste		40,8%
Sudeste	29,4%	19,6%
Sul	28,9%	19,7%
Centro-Oeste	33,8%	23,8%

Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), do IBGE, parte dos analfabetos está entre 15 a 29 anos e somava cerca de 2.960.000 em 1997, cerca de 7% da população. Dessa multidão, a maioria freqüentou a escola, o que vem confirmar a afirmação da UNESCO citada acima, e não estão incluídos nestes números, os analfabetos funcionais.

Durante muito tempo considerou-se que o principal fator que fazia uma criança deixar a escola era a necessidade de trabalho para ajudar a família. Vale lembrar que a idade mínima para o trabalho no Brasil é de 16 anos, de acordo com a Emenda Constitucional n.º 20, de 15 de dezembro de 1998. Segundo a PNAD 2002, havia 3,1 milhões de crianças e adolescentes de 10 a 15 anos trabalhando. Na faixa dos 5 a 9 anos de idade, são 280.228 crianças. No país inteiro, em 16,5% das famílias com crianças há, pelo menos uma, que trabalha. O trabalho infantil no Brasil está diretamente relacionado às condições de vida das famílias. As pesquisas mostram que a maior parte das crianças de 5 a 17 anos de idade ocupadas pertence a famílias com rendimento mensal muito baixo: de até ¼ de salário mínimo por pessoa. Isto ocorre

principalmente no Nordeste. Lá, 40,1% das crianças ocupadas pertencem à parcela de mais baixa renda.

Geralmente, estas crianças ajudam a complementar a renda familiar. Elas contribuem, em média, com 15,5% do rendimento familiar, mas em regiões como a área rural da região metropolitana do Recife essa média é de 41,2%. E, por ajudarem no sustento da família, as crianças que trabalham podem acabar enfrentando sérios problemas em sua educação. As estatísticas mostram que na idade escolar - dos 7 aos 17 anos - 68,6% das crianças que trabalham estão atrasadas. A distorção idade/série entre as crianças que não trabalham atinge 45,8%. As crianças que não trabalham também freqüentam mais a escola: são 91,7% contra 80,5% das que trabalham.

O trabalho infantil toma um tempo que as crianças utilizariam para estudar, descansar ou, o que é muito importante: brincar! A falta de qualquer uma dessas atividades compromete o bom rendimento escolar. As crianças que repetem o ano escolar ficam atrasadas em relação às outras crianças da mesma idade. Isso pode gerar um círculo vicioso: por ter repetido a série, a criança pode acabar abandonando os estudos para se dedicar de vez ao trabalho, já que muitas vezes recai sobre ela o rótulo de "fracassada" por não ter tido um desempenho "adequado". Estudos têm demonstrado que o fracasso é o principal responsável pelo êxodo escolar e a repetência não melhora o aprendizado dos alunos, pois quanto maior a distorção série/idade dos alunos pior o seu desempenho.

5.1 - FRACASSO ESCOLAR: CONCEITO E ENTRAVES

A literatura educacional que aborda o tema "fracasso escolar" apresenta variados conceitos, bem como os entraves que tal fenômeno acarreta na vida educacional dos alunos. O fracasso escolar abrange tudo o que pode gerar dificuldades de aprendizagem, são os entraves denominados por Bossa (2000) de: "dificuldades de aprendizagem escolar, problemas de aprendizagem, distúrbios de aprendizagem, problemas específicos de aprendizagem, déficit de atenção, distúrbios de leitura, distúrbios de escrita, dislexia, distúrbios de conduta, etc...".

Estes entraves também são entendidos como sintomas. Para o autor supracitado:

> O termo sintoma significa, nesta abordagem, um entrave que faz sinal. Sinaliza que em nossa cultura a escola vai mal, a família sofre, a criança adoece... a expressão sintoma escolar refere-se a todo tipo de entrave que leva ao fracasso escolar, seja decorrente de aspectos culturais, sociais, familiares, pedagógicos, orgânicos, intrapsíquicos, etc (BOSSA, 2000 p. 12).

O sintoma escolar faz com que as crianças sofram por parte da escola e da família todo o tipo de rejeição e preconceito, pois para a sociedade, as crianças que não aprendem são anormais. Sendo assim fica mais do que evidente, que o fracasso escolar causa sofrimento às crianças e prejuízos aos municípios e por mais que se discutam e que se busquem baixar os altos índices de fracasso, este ainda se impõe de forma alarmante e persistente.

No quadro a seguir, podemos observar os índices de fracasso nos períodos de 2003 a 2005, na escola objeto de estudo deste trabalho.

Quadro 7: Índices de aprovação e reprovação de 2003 a 2005.

Ano	1ª	1ª	2ª	2ª	3ª	3ª	4ª	4ª
2003	58,26	41,74	83,16	16,84	61,54	38,46	60,30	39,70
2004	68,22	31,78	77,48	22,52	61,60	38,40	78,57	21,43
2005	81,57	18,43	81,00	19,00	75,21	24,79	78,41	21,59

Fonte: Informações coletadas nas Atas de Resultado Final da Escola Pública Pesquisada.
Obs: Os resultados da segunda coluna de cada série representam a porcentagem de alunos em situação de fracasso – reprovados e/ou evadidos.

Numa análise geral sobre o fracasso escolar na referida escola, podemos perceber que os índices vêm diminuindo, com pouca significância no que se refere às 3ª e 4ª séries, e mais acentuadamente na 1ª onde há uma redução considerável. Já na 2ª série, os índices praticamente se mantiveram.

> À medida que vamos nos aproximando da estrutura e ossatura da escola e de nosso sistema escolar, vamos percebendo com maior nitidez como seu caráter excludente se mantém quase inalterado resistindo às reformas, inclusive as mais progressistas, porque está legitimada na cultura política e pedagógica da exclusão, da seletividade, da reprovação e retenção (ARROYO, 2000, p. 35).

Para o autor supracitado, a cultura de exclusão se materializou ao longo de décadas na própria organização da sociedade sendo transmitida pela escola através de seriação, currículos graduados, nas disciplinas duras ou leves, mais conhecidas em nossa escola como forte ou fraca, nas provas ou na reprovação.

Sintetizando, fracasso escolar faz parte de uma cultura presente no sistema escolar; cultura esta que legitima práticas, rotula fracassados, trabalha com preconceitos de raça, gênero, classe e que exclui. Segundo o autor citado, reprovar faz parte da prática de ensinar-aprender e avaliar. Para ele a consciência do direito à educação básica universal avançou, mas até o momento a escola não conseguiu se estruturar para garantir esse direito, ela continua uma

instituição seletiva, excludente, rígida e com uma estrutura piramidal, preocupada apenas com o domínio seriado e disciplinar de um conjunto de habilidades e saberes.

6 – O QUE PENSAM PROFESSORES E ALUNOS DE 1ª A 4ª SÉRIE SOBRE O FRACASSO ESCOLAR.

6.1- OS PROFESSORES:

Os dados apresentados nos capítulos anteriores relativos à repetência e evasão são reveladores do fracasso escolar na escola pesquisada e no Brasil. A escola tem sido crescentemente focalizada, não só no Brasil, mas em outros países, constituindo importante fonte para a compreensão das realidades vividas e sofridas pela grande maioria das populações mais privilegiadas econômica, social e culturalmente. Propomos, neste trabalho, uma reflexão com o objetivo de explicar as causas que levam um grande número de alunos de 5ª série do Ensino Fundamental, da escola pública do município de Nova Lacerda a essa deficiência, bem como analisar se este fato está ou não presente no contexto de 1ª a 4ª séries e de que maneira isso ocorre. Pretendemos, ainda, apontar caminhos para a melhoria de nossa prática pedagógica que contribuirá, certamente, com a redução dos índices de evasão e repetência.

Para entender o contexto do fracasso escolar dos alunos de 1ª a 4ª séries, aplicamos questionário para 4 professores das séries citadas e, da mesma forma, para 40 alunos com história de fracasso escolar destas mesmas séries.

Questionados quanto às causas que levam os alunos de 1ª a 4ª séries a reprovarem, o professor 1 disse o seguinte: "O desinteresse dos alunos é provocado pela base, é na vida familiar. Não têm incentivos da família, não são instigados e incentivados na leitura. Às vezes as crianças não sabem nem dialogar, são perdidos no conteúdo e no espaço".

Já o professor 2 argumentou:

> A nossa escola não possui ambiente que propicie aulas mais agradáveis, mais criativas, que motivem a pesquisa e a produção do conhecimento. Os alunos e professores se sentem saturados com a 'mesmice'. O aluno quer novidade, liberdade, quer aprender brincando.

O professor 3 respondeu que:

> À medida que o aluno vai tomando conhecimento e liberdade no ambiente escolar, ele vai percebendo que a escola é o lugar onde ele pode tudo o que lhe é negado em casa. Na escola ele encontra uma certa "proteção" que, em muitos casos, lhe faz mal. É o caso de muitos dos nossos alunos que vêm de uma família problemática, com toda sorte de dificuldades, e isto reflete diretamente na aprendizagem das crianças. Acredito ser esta a maior causa de reprovação dos nossos alunos.

À mesma questão, o professor 4 respondeu:

> Os alunos não estão interessados, eles não querem nada com nada, estão rebeldes, violentos, só querem saber de conversa. Por outro lado, às vezes encontram professores despreparados para lidarem com tal situação, o que torna ainda mais agravante.

É interessante ressaltar que a falta de interesse por parte dos alunos foi o ponto principal relatado pelos professores pesquisados de 1ª a 4ª séries. Segundo Bossa, essa forma de pensar tem raízes históricas. A educação surgiu no Egito, na Grécia e em Roma com a função de transmitir saberes de geração para geração, mas na Idade Média e posteriormente na Idade Moderna, a educação passou a ser o estabelecimento da razão, da moral e da disciplina, dando origem então a uma pedagogia baseada na disciplina. Esta por sua vez, passa a ser de responsabilidade do professor, pois, é ele quem detém o saber. A criança então passa a ser alvo de disciplinamento, pois, "ela é considerada um ser em desenvolvimento, que dever ser escolarizada, disciplinada, preparada para ser eficiente" (BOSSA, 2002, p. 44).

Para a autora, as crianças que não se encaixam nesta visão, ou seja, "as crianças que não conseguem adaptar-se às regras estabelecidas e atender a um ideal de obediência, de disciplina, de eficiência e de racionalidade passam a ser vistas como fora da norma, isto é, de anormais" (BOSSA, 2002 p. 45).

Com relação ao que a escola poderia realizar para evitar a reprovação, os professores manifestaram que:

> A escola deveria buscar maior interação com as famílias e adquirir mais materiais pedagógicos; a nossa escola necessita tanto de aproximar-se das famílias dos nossos alunos, quanto de proporcionar condições para os professores desenvolverem bem seus trabalhos (Professor 1).

Na opinião do professor 2,

> A escola deveria ampliar o laboratório de informática, providenciar um 'play-ground' para as crianças das séries iniciais, ampliar o acervo da bioblioteca e ter sempre a disposição: data-show, vídeos, DVDs, que nunca são encontrados quando um professor necessita, devido à divisão da escola em dois endereços. Deveria ainda, proporcionar aos professores cursos de formação continuada nas diferentes áreas de conhecimentos.

O professor 3 respondeu que:

> A escola deveria olhar com mais carinho para estes alunos que apresentam dificuldades e indisciplinas, desenvolver um trabalho de recuperação, de acompanhamento especial; capacitar professores para lidar com casos de deficiências especiais. Talvez, desenvolver

> alguns projetos envolvendo também as famílias destes alunos e, em muitos casos, é necessário até um atendimento especial com a psicóloga da escola.

O professor 4 afirmou: "A escola deveria investir mais na formação de professores, buscar profissionais de outras áreas para trabalhar em parceria, promover maior integração comunidade-escola".

A capacitação dos professores, citada por eles, é uma das providências a ser tomada pela instituição e por eles próprios para minimizar a questão do fracasso escolar. O professor deve buscar cursos de aperfeiçoamento, exigindo das instituições escolares a organização de estudos para melhoria da educação, como preconiza a LDBEN. É importante que as instituições procurem rever a formação contínua dos profissionais que atuam nas escolas, para reverter o quadro sobre o fracasso escolar. É preciso reverter esses índices, mas para isso é necessário investir na qualificação profissional. Durante os períodos históricos observa-se que as pressões populares por educação desempenharam um papel importante, por isso é relevante que os educadores também mantenham uma pressão no sentido de que seja garantido o seu direito quanto à capacitação.

Em resposta à pergunta sobre as causas da desistência, o professor 1 respondeu que: "Reafirmo o que disse sobre a reprovação, falta incentivos da família; a escola sozinha não dá conta desta questão. Quando há reprovação ou uma dificuldade maior e a família não se faz presente, provavelmente, mais cedo ou mais tarde esse aluno vai desistir". O professor 2 respondeu que "a desistência é conseqüência de repetidas reprovações e falta de incentivo por parte de professores e família". Já o professor 3 acredita que "há uma série de fatores que influenciam na desistência: trabalho infantil, defasagem idade-série devido à reprovação, falta de preparo dos professores para trabalhar as deficiências, entre outros". E o professor 4 argumenta que: "A escola não cumpre seu papel de incentivar, parece tratar o aluno que apresenta dificuldade como um estorvo, com certa indiferença e até discriminação. Os próprios colegas de sala discriminam, ignoram e o professor muitas vezes, também".

A respeito da alegação de que existe falta de motivação por parte da escola, acredita-se que "falta de motivação", seja mais uma das formas de fazer com que o povo não se dê conta de sua situação. Para Bossa (2002), a prática pedagógica sempre esteve articulada a uma pedagogia, que nada mais é que uma concepção filosófica da educação, concepção na qual educar sempre foi sinônimo de disciplinar (p. 26). Essa pode ser mais uma "desculpa" para encobrir o que realmente está acontecendo.

As explicações sobre o fracasso escolar sempre recaem na sentença de que a culpa é do aluno, é dos pais, é da situação social, é da escola... Para Patto, "a projeção de características

negativas no outro é um mecanismo socialmente poderoso, na medida em que justifica a opressão" (PATTO, 1999, p.218). Há uma ideologia que explica o fracasso sob a alegação de que a culpa é do aluno pobre, da família e do professor e essa se apresenta como natural.

Os professores 1 e 3, por exemplo, em suas falas sempre colocam a responsabilidade na família. Já o professor 2 enfoca a estrutura, os mecanismos e equipamentos. O professor 4 parece mais preocupado com a formação. Todos esses professores, à exceção do que se refere à formação, e ainda assim indiferentemente, colocam fora deles a culpa pelo fracasso. Ou é a família, ou são as condições de trabalho, ou mesmo a formação "que não lhes é oferecida".

Enquanto o professor alega que a família está delegando para a escola, quase toda a responsabilidade pela educação dos filhos, a família acusa o professor de pretender educar da forma mais simples e retrógrada. Pois, na afirmação dos pais, o professor tem em mãos um instrumento punitivo como a ameaça da repetência para obrigar o aluno a estudar; o que é mais fácil para o docente, do que estimular o aluno a aprender. É comum ainda, culpar o governo (federal, estadual ou municipal) por não investir o necessário na qualificação dos professores, não pagar salários dignos e não dar estrutura adequada às escolas. É raro, no entanto, cada um admitir sua parte da culpa.

6.2 – OS ALUNOS:

Na seqüência, foram entrevistados quarenta alunos de 1ª a 4ª séries selecionados da seguinte forma: observamos nas Atas de Resultado Final e nos relatórios do Censo Escolar, dos anos de 2003 a 2005, da entidade em referência, e pré-selecionamos os alunos com história de reprovação e desistência, distribuídos nos períodos matutino e vespertino. Após isto, consultamos os professores que atuam nas séries em questão para a escolha final dos quarenta alunos, privilegiando aqueles que, segundo os docentes, mereciam maior atenção a respeito do assunto.

Questionados sobre o porquê da reprovação, obtivemos as respostas que podem ser conferidas no quadro abaixo:

Quadro 8 – Motivo da reprovação: o que levou a isto? (1ª a 4ª séries).

Respostas	Alunos	%
Conversavam durante as aulas e, portanto, não prestavam atenção.	10	25
Excesso de atividades, fator que dificultava o acompanhamento de alunos	08	20

com mais dificuldades.		
Dificuldades com os conteúdos.	08	20
Professor ruim, bravo, medo do professor.	07	17,5
Gosta da escola, mas não gosta de estudar.	05	12,5
Muita bagunça na sala de aula.	04	10
Ficava atrasado ao copiar ou ler, o professor ficava nervoso e tirava "ponto" na nota.	02	5
Não queria estudar, mas a mãe obrigava a isto.	01	2,5

Analisando as respostas obtidas através dos questionários, percebemos que os alunos, independente da série, afirmam que fracassaram por razões variadas, sendo que 35% admitem que conversavam muito ou faziam muita bagunça e 40% citam problemas com as atividades e conteúdo.

Quando questionados sobre o motivo pelo qual bagunçavam, eles hesitavam e na maioria das vezes afirmaram que os professores passavam muita tarefa, o que pode indicar que o conteúdo pode estar sendo inadequado aos alunos, o conteúdo pode não estar levando em conta as especificidades, e isto pode estar desestimulando a aprendizagem.

Questionados, também, sobre o que a escola deveria fazer para evitar a desistência, os alunos responderam o seguinte:

Quadro 9 – O que a escola deveria fazer para minimizar o problema da desistência?

Respostas	Alunos	%
Dar mais apoio aos alunos, ouvir o que eles têm a dizer.	14	35
Procurar saber por que os alunos não estão indo à escola	11	27,5
Procurar conversar, resolver o problema, conversar com os professores.	8	20
Saber o que o aluno tem, ir à casa dos alunos.	2	5
Não responderam.	5	12,5

As respostas dos alunos desistentes parecem estar servindo de indicador. O aluno não tem coragem de ir até a direção ou à coordenação e denunciar um problema, então desiste na esperança de que a escola vá até ele.

Patto afirma que um dos fatores que levam a escola a grandes índices de fracasso escolar é o fator pedagógico. A esse respeito, a autora citando Cardoso, assegura que é de suma

importância o processo de ensino no sucesso da escola, para eles, este não pode ser isolado da escola e precisa despertar o interesse da criança. Em consonância com esta colocação, o referido autor afirma que, "processos inadequados respondem por boa parte da indiferença, apatia, turbulência e agressividade verificadas" (PATTO, 1999, p.117).

Com relação aos casos de distorção idade-série, segundo dados coletados na secretaria da escola em referência, observamos que elas ocorreram em razão de reprovações ou desistências anteriores, por questões familiares, como desestruturação familiar ou por falta de acesso a escola devido à distância. Tais informações foram obtidas na escola supracitada que possui um cadastro de cada aluno que é preenchido com informações dos mesmos, atualizado a cada ano, na ocasião do ato da matrícula.

Os dados coletados junto aos alunos só vêm reforçar o que vários autores indicam: que a prática pedagógica é realizada por professores sem qualificação suficiente, fator que também contribui para a geração do fracasso escolar. Mais precisamente, estudiosos consideram que o fracasso escolar é um fenômeno complexo, causado tanto por fatores intra como extra-escolares (Collares, 1995; Leite, 1988; Mello, 1983). Os fatores intra-escolares referem-se, segundo os autores citados, à distância cultural entre a escola pública e a população que esta atende, à inadequação dos cursos de formação de professores, às expectativas não realistas dos professores, à ineficácia dos métodos e práticas escolares, e, à burocracia pedagógica, entre outros. Como os fatores extra-escolares referem-se às condições sócio-econômicas da maioria da população, são sobre os fatores intra-escolares que, de acordo com Leite (1988), a ação dos educadores pode ocorrer mais diretamente. Leite (1988) enfatiza, ainda, que a descoberta de novas formas de se atuar no âmbito das variáveis intra-escolares que mantêm o fracasso escolar pode atenuar sobremaneira os efeitos do mesmo.

Como sugere Linhares (1991), não há dúvidas de que, se por um lado, os problemas educacionais brasileiros necessitam de soluções que transcendem as mudanças na aplicação de conhecimentos técnico-pedagógicos e requerem intervenções ao nível político, social, econômico e cultural, por outro, existe uma inegável incapacidade de se ensinar. Fini (1996) também adverte que não seria justo que os alunos esperem até que o panorama econômico, político e social sejam modificados.

Na escola a criança é alvo de disciplinamento e se ela não se adapta às regras, é vista como anormal. O comportamento dos alunos tem um grande peso no seu desempenho escolar, geralmente os alunos reprovados são aqueles que os professores dizem ser bagunceiros, desinteressados e conversadores. Lahire afirma que "os professores evocam tanto – se não mais

– o comportamento dos alunos, suas qualidades morais, quanto seus desempenhos ou suas qualidades intelectuais" (LAHIRE, 1997, p.55).

Os professores dão tanta atenção aos aspectos comportamentais que às vezes se esquecem de motivar o aluno, cobram dele interesse por uma escola que para ele é desinteressante. Dessa forma o professor se abstrai do problema, porque para ele é o aluno que não está preparado para receber as "mensagens escolares". Lahire afirma que os professores evocam as crianças da seguinte maneira:

> Elas parecem não ter as condições apropriadas para receberem as mensagens escolares; as mensagens não chegam até elas, ou chegam com dificuldade, porque não ouvem, brincam, não se concentram, não fazem seus deveres, estão sempre viradas para trás, com a "cabeça na lua", não estudam com os outros, são lentas... Estes alunos devem sempre ser solicitados, chamados à atenção, receber ordens e diretivas dos professores. Não se pode deixá-los sozinhos, e é necessária sempre uma pressão externa, forte e ao longo do tempo cansativa: "Repetimos sempre a mesma coisa", "sempre temos que lhes dizer", "somos obrigados a vigiá-los o tempo todo" (LAHIRE, 1997, p. 53).

Alguns professores não refletem sobre sua prática. Na fala dos alunos, observa-se que eles aplicam muitas atividades, as aulas se tornam cansativas e provocam o desinteresse pela aula, além disso, as muitas cobranças levam os alunos, já desmotivados à conversa e bagunça como mecanismos de defesa. Cansados de cobrar, estes professores também buscam se defender, passam mais atividades numa tentativa de manter os alunos ocupados ou utilizam a indiferença em relação aos alunos rebeldes; restando aos indisciplinados apenas o fracasso escolar. Daí se verifica a urgência em se rever a formação continuada do professor. Cardoso, citado por Patto:

> Atribui a situação da escola brasileira à má qualidade do corpo docente, de quem cobra vocação, dom, e só secundariamente preparo pedagógico, e aquele "fogo sagrado" que realiza verdadeiros milagres, seja qual for a situação; de outro, a uma política educacional que insiste em destinar ao primeiro ano professores sem a necessária motivação e vocação que a alfabetização exige (CARDOSO, APUD PATTO).

Dos professores entrevistados, nenhum tem formação para atuar nas séries iniciais, todos estão fora de suas áreas de formação; talvez aí esteja um dos problemas, "a inadequação das atividades educativas às necessidades e possibilidades do aprendiz" (PATTO, 1999, P. 118).

Assim, é preciso rever a prática pedagógica para reverter os altos índices de fracasso escolar nas séries iniciais e especialmente nas 5ª séries, que é nosso objeto de estudo. Não podemos camuflar os dados apontados pelas pesquisas, é preciso procurar caminhos que minimizem as questões que dificultam os profissionais de atuarem de forma efetiva no processo

ensino-aprendizagem. Para isso, é necessário que os profissionais possuam formação adequada. Se atuarem sem formação, há que se possibilitar e cobrar destes, a devida habilitação como já foi destacado anteriormente.

7 – O QUE PENSAM PROFESSORES E ALUNOS DAS 5ª SÉRIES SOBRE A REPROVAÇÃO.

7.1 – OS ALUNOS:

Na observação de 27 alunos que apresentam fracasso escolar em três turmas de 5ª série, distribuídos em dois períodos: 5ª "A e B" matutino e 5ª "C" vespertino, percebemos que o comportamento dos mesmos é bem diferenciado nos respectivos turnos.

No período matutino, observamos que os alunos são, na maioria, da mesma idade; são alunos que passaram da 4ª para a 5ª série e a expectativa quanto a esta série é grande. São alunos empolgados e notamos que sentem diferença de uma série para a outra. Em relação à atuação dos professores de 1ª a 4ª séries para os de 5ª série, os alunos dessa série apresentam expectativas diferenciadas, pois esperam dos professores carinho e atenção.

Já no período vespertino os alunos são bem agitados, os professores não conseguem dominar essas classes, sentem dificuldades em conseguir um minuto de atenção ou uma ordem de espera para que cada um possa ser atendido. Foi possível observar que o discente espera algo mais dos professores, alegando que os professores deveriam ter mais pulso firme para por ordem na sala de aula. Os alunos do período vespertino também demonstram cansaço, pelo fato de a maioria residir na zona rural e depender do transporte escolar tendo que sair muito cedo de seus lares para estudar, o que incorre na falta de interesse e desânimo devido ao cansaço.

No período da manhã alguns alunos são repetentes e à tarde, a maioria dos alunos está repetindo a 5ª série e alguns já estão cursando pela terceira vez a mesma série porque repetiram ou desistiram durante o ano letivo, o que vêm reafirmar o exposto acima. Acreditamos que aí pode residir a causa deste desânimo para o estudo. Observamos, ainda, que ocorre maior incidência de distorção idade-série entre os alunos do período vespertino. Esses fatores vêm demonstrar que os mesmos necessitam de um incentivo maior para continuar sua caminhada, pois o aluno é um ser afetivo e necessita do cognitivo, social e também de valores, para que possam se sentir realizados.

No quadro abaixo podemos observar as respostas dos 27 alunos das 5ª séries quanto à reprovação: 20 alunos disseram já ter reprovado e, 12 desses, reprovaram na 5ª série:

Quadro 10 – Reprovação nas séries: em quais e quantas vezes?

Respostas	Alunos	%
Não	07	25,9

1ª série, duas vezes.	01	3,7
1ª série, uma vez.	05	18,5
2ª série, uma vez,	02	7,4
3ª série, uma vez.	03	11,1
4ª série, uma vez.	03	11,1
5ª série, uma vez.	10	37,0
5ª série, duas vezes.	02	7,4

Eles apontaram que a disciplina em que mais reprovaram foi matemática, história, português e inglês, mas o que chamou mais atenção, foi o fato de que, os alunos apresentaram um alto índice de reprovação na disciplina de matemática, de acordo com o quadro a seguir:

Quadro 11 – Disciplina em que mais houve reprovação entre a 1ª e a 5ª série.

Disciplina	Alunos	%
Matemática	14	51,8
História	06	22,2
Português	04	11,8
Inglês	04	14,8
Geografia	01	3,7
Ciências	01	3,7

De acordo com os dados apontados pelos alunos, o motivo da reprovação, varia muito conforme o quadro abaixo; dizem que a repetência ocorreu por não entenderem direito a explicação do professor, relatam ainda que passaram a ter problemas com o professor após a reprovação. Também apontam como motivo da retenção, o fato de não prestarem atenção nas aulas justificando ainda que a causa foi o cansaço, preguiça, pela bagunça e por não gostar do dia da prova.

Quadro 12 – Motivo da reprovação: o que levou a isto?

Resposta	Alunos	%
Devido ao cansaço	04	14,0
Preguiça	02	7,4

Desinteresse pelo estudo	04	14,8
Falta de prestar atenção	05	18,5
Problema com o professor	06	22,2
Muita bagunça na sala de aula	01	3,7
Não gosta do dia da prova	01	3,7
Não responderam	05	18,5

O quadro acima demonstra, de acordo com o universo pesquisado, que o maior motivo da reprovação, segundo os alunos, é devido a problemas com o professor, porém esses problemas não são mencionados, o que indica que novas pesquisas poderiam estar respondendo essa questão.

Segundo Costa Ribeiro (1991), o problema mais sério no ensino do país é o alto índice de repetência. Demonstra ainda que o tempo que muitos alunos permanecem na escola seria suficiente para que eles se formassem no ensino fundamental, mas que devido à repetência, eles acabam saindo da escola tendo conseguido completar apenas duas ou três séries escolares. Ao repetirem séries escolares, inúmeros alunos brasileiros experimentam um sentimento de desesperança e acabam também por abandonar a escola.

Na realidade, tanto as taxas de repetência como as de evasão têm sido altíssimas nos últimos cinqüenta anos (Patto, 1999). Por outro lado, a falta de conteúdo real que conduza os encontros na sala de aula, o aspecto formal do que ali fazem passa a ter importância fundamental. Além disso, as atividades desenvolvidas não despertam real interesse nem na professora nem nos alunos. Como constatou a autora, "o que se ensina e a forma como se ensina tornam a tarefa de ensinar e de aprender uma sucessão de atividades sem sentido que todos, professora e alunos, executam visivelmente contrafeitos e desinteressados" (PATTO 1999, p.233).

Em relação à opinião dos alunos, sobre o que a escola e os professores poderiam fazer para que os alunos não reprovem sempre na 5° série, a maioria dos alunos responderam que os professores deveriam explicar melhor os conteúdos e que as explicações deveriam ocorrer mais vezes. Alguns alunos chegam a alegar que os docentes não esperam que eles assimilem bem os assuntos e já passam para outros conteúdos, sendo que os mesmos, necessitam de uma explicação mais moderada, pois devem ser respeitados de acordo com a fase de desenvolvimento, promovendo a compressão e respeito à individualidade dos mesmos.

Os alunos apresentam soluções para evitar a reprovação tais como:

Quadro 13 – Na opinião dos alunos, o que a escola e o professor poderiam fazer para que o aluno não reprove na 5ªa série.

Resposta	Aluno	%
Cobrar mais do aluno.	03	11,1
Desenvolver mais a leitura para os alunos produzirem mais.	02	7,4
Ter mais respeito com o professor e colega.	05	18,5
Ter mais ordem em sala de aula.	03	11,1
Dar mais trabalho em grupo para as aulas ficarem mais animadas.	02	7,4
Que a escola e os professores fossem mais rígidos.	05	18,5
Os professores deveriam ajudar mais os alunos.	05	18,5
Ajudar os alunos que estão desanimados, dar mais apoio.	04	14,8
Explicar melhor os conteúdos e ter mais tempo para isto.	08	29,6
O professor deve ser mais amigo do aluno.	03	11,1
Ajudar mais os alunos que estão com dificuldade.	07	25,9
Realizar provas menos extensas.	02	7,4
Não ter prova para avaliar.	03	11,1
Dar mais chances para os alunos.	03	11,1

De acordo com os relatos dos alunos podemos observar que os fatores que os levam a repetir de série são bem diversificados. De uma maneira geral os alunos vêem a reprovação como falta de incentivo e apoio por parte dos docentes. Ainda, conforme o quadro, percebe-se que para diminuir a reprovação na 5ª série é necessário que haja uma melhora no trabalho com os conteúdos e dedicação de mais tempo aos alunos que apresentam dificuldades, entendimento apontado por 55,5 % dos alunos.

Muitas vezes o que o professor tenta passar como conteúdo não é do interesse da maioria; alguns alunos chegam a alegar que os professores deveriam trabalhar mais conteúdos da realidade dos alunos. Os professores deveriam ter mais disposição para lecionar, isto é, muitos alunos reclamam a falta de incentivo por parte dos docentes. A relação do professor com o aluno diante do saber deve ser prazerosa, se o aluno recebe um estímulo positivo do profissional de educação, este tende também a dar uma resposta positiva, e se receber um estímulo negativo a resposta será negativa.

No entanto o processo de educação escolar é qualitativamente diferente do processo de educação em sentido amplo. Na escola o aluno está diante de uma tarefa particular, deve entender as bases dos estudos científicos.

Durante o processo de educação escolar o aluno parte de suas próprias generalizações e significados, na verdade ele não sai de seus conceitos, mas sim, entra em um novo caminho. Acompanhado de seus conceitos entra no caminho da análise intelectual, da comparação, da unificação e do estabelecimento de relações lógicas. "A criança raciocina seguindo as explicações recebidas, e então reproduz operações lógicas, novas para ela de transição de uma generalização para outras generalizações" (VIGOTSKY,2000, p.174) .

A aprendizagem varia de aluno para aluno, e o mesmo deve ser respeitado para que ele possa ter a compreensão da sua aprendizagem. Segundo Bernad Lahire, (1997), é preciso observar que o sucesso escolar depende de múltiplas relações que se estabelecem no universo das crianças.

Neste contexto,

> O conceito de dificuldade de aprendizagem é relativo, envolvendo de um lado as características sociais do aluno e do outro, a qualidade da resposta educativa escolar, que deve considerar as diferenças individuais como dados da realidade, e entendê-las não como ameaças, e sim como fonte inesgotável de enriquecimento da prática pedagógica, que oportuniza a todos vivenciarem experiências positivas onde a criança deixa de ser autora solitária de seus "insucessos" escolares (LAHIRE, 1997).

A criança precisa do adulto enquanto um "outro" diferente para se constituir como sujeito e se lançar além de si mesma em busca de seus projetos. Além disso, conforme Lahire, é interessante ressaltar que é essencial para a educação escolar permitir uma diversidade cada vez maior de exposição de fatos e de conhecimentos que não podem, em nome da ditadura da imagem, desaparecer do cenário escolar.

O aluno, numa necessidade ou dificuldade, identifica o problema, percebe que há uma situação não resolvida, isto provoca uma certa inquietude, que pode levá-lo a adotar perguntas. Para que a criança possa superar essa fase, o educador, deve ter sempre em mente que muitas das preocupações, muitos dos problemas apresentados pelos educandos afetam sua produção na escola e nem sempre é possível conhecê-los em um primeiro momento, pois o fracasso escolar é muitas vezes sintoma de uma falta de estabilidade emocional na escola ou no lar. Segundo Dorin:

> Fracasso escolar é fonte de tensões emocionais que prejudicam a aprendizagem e dificultam o ajustamento do educando. O professor tem meios para despertar na criança

> a confiança e para compreender que se é rejeitado em seu lar é também incapaz de aceitar a afeição dos estranhos nos primeiros contatos [...] (DORIN, 1978, p. 94).

Em face disto, o professor é a peça fundamental na compreensão e na habilidade de proporcionar um ambiente saudável onde os trabalhos por mais difíceis que sejam, causem prazer, promovendo assim o surgimento dos interesses. O docente "deve trabalhar as competências, as diferentes inteligências, as possibilidades e os interesses de cada um, pois a aprendizagem é individual e a formação acontece no trânsito grupal das inter-relações" (DORIN, 1978, p. 96). Percebemos que é importante trabalhar a auto-imagem, pois muitos dos novos alunos não acreditam em sua capacidade e duvidam de si próprio.

Ainda, conforme o autor supracitado, a escola não deve ser mais considerada como um lugar onde se treina a mente; a escola é a instituição encarregada de guiar o desenvolvimento físico e mental dos alunos. Por isso o professor deverá conhecer suficientemente seus alunos, lançando mão de vários meios para obter informações precisas sobre a personalidade e a história do educando. As provas e os testes que visam aferir o que foi aprendido pelo aluno em cada disciplina não são suficientes para que se possa fazer um juízo de sua capacidade.

Portanto, nos dias atuais, a escola que mantém um ensino tradicional passou a desempenhar um papel ambíguo frente à diversidade, pois ao mesmo tempo em que acolheu os alunos com dificuldades, não ofereceu as condições necessários para a sua educação. As ações tornaram-se excludentes. O sistema de ensino atual tem um currículo de conteúdos programáticos rígidos, de acordo com o desenvolvimento cognitivo e faixa etária. A escola não oferece abertura para um programa específico, fator que gera grande possibilidade de o aluno, que entra no sistema escolar formal e estruturado, sem estar preparado, não se sentir à vontade, seguro, nem protegido, sofrendo muitas vezes, discriminação.

A pessoa que sofre exclusão não consegue lidar com esse agravo, possui uma auto-imagem desarticulada e a auto-estima rebaixada, acaba por desorganizar a estrutura externa por estar desestruturado internamente. O estudante que se sente excluído necessita ser visto de acordo com suas individualidades e possibilidades e necessita de uma equipe estruturada para ajudá-lo no desenvolvimento das questões cognitivas e sócio-afetivas. É um sujeito que precisa que o professor o aceite como seu aluno e não o rotule por suas dificuldades, que o faça se sentir seguro. Precisa ter a garantia de um compromisso com os encaminhamentos das suas necessidades.

7.2 – OS PROFESSORES:

Dos cinco professores questionados, observamos quanto ao tempo de experiência dos mesmos que varia de 10 a 15 anos de atuação e que possuem formação nas áreas que atuam. Eles vêem a reprovação na 5ª série, como resultado de uma alfabetização fraca, ou seja, transferem a responsabilidade pelo fracasso para as séries anteriores e, conseqüentemente, para outros professores. Os docentes apontam ainda, que a reprovação tem causas no baixo investimento de materiais didáticos e na jornada de trabalho extenuante. A esse respeito, podemos citar que os profissionais da Educação, não só da escola em estudo, mas do Brasil como um todo, não recebem uma remuneração justa, o que acarreta uma série de outras conseqüências. Entre as quais, o professor é obrigado a sobrecarregar seus horários em três turnos diários, se sente desvalorizado. Não lhe sobra tempo para a preparação das aulas, para o lazer e a família, o cansaço é visível, e em conseqüência, o desânimo. Isto reflete no ensino-aprendizagem, pois o professor não encontra motivação para resolver os problemas dos seus alunos, uma vez que não conseguem resolver os seus próprios. Citam ainda, o número excessivo de alunos nas classes no início do ano, falta de condições e espaço apropriados para se diversificarem os tipos de atividades, metodologia do professor, os conteúdos e a forma de apresentação. Esses seriam os fatores que muitas vezes interferem no trabalho do educador.

Os motivos da reprovação elencados foram:

> O aluno acumula, ao longo das séries, uma carga de dificuldades e ao chegar na 5ª série, esse fator se agrava consideravelmente. Além disso, com a ruptura que o mesmo sofre com esta mudança: professor diferente em cada disciplina, novas regras, assustam o aluno que já possui uma carência, seja afetiva ou de aprendizagem (Prof 5).

Conforme a argumentação do professor citado acima, não há como negar a existência da ruptura nas 5ª séries. De acordo com Silva:

> Quinta série é passagem. Porém, passagem sem rito... parece que há apenas alertas sobre a transição, mas não há qualquer preparação prévia, quer para os alunos, quer para os professores. Passagem que se desnuda nos diferentes saberes e fazeres implicando no cotidiano de professores 'primários' e 'Secundários' da 4° e da 5° série. Passagem sem ponte mas ruptura que dá continuidade [...] (SILVA, 1997 p.126,).

O professor 6 argumentou que,

> A nossa escola não oferece aulas de reforço para recuperar os alunos de 5ª série que apresentam dificuldades. Alguns professores se preocupam em atender tais alunos em seus horários de atividade, porém não é suficiente. Observamos também, que os alunos com dificuldades, também não demonstram o mínimo de interesse em aprender e durante as aulas só querem conversar e atrapalhar colegas e professores (Prof° 6).

Os argumentos citados pelo professor 7 foram os mesmos expostos acima. Quanto aos outros, disseram que: "Falta dedicação, criatividade e espontaneidade do educador para lidar com as diferenças na sala de aula. Falta, também apoio pedagógico aos professores" (Prof 8). "Falta incentivo por parte do professor e dos pais, falta de interesse do aluno quanto à determinada disciplina. O aluno percebe que ocorre um certo distanciamento afetivo em relação ao professor e parece querer chamar a atenção, atrapalhando as aulas".(Prof 9).

Os professores acreditam que para superar a reprovação seria necessária uma série de providências e mudanças como:

- Programa de conscientização e incentivo à educação fundamental.
- Investimento no ensino com materiais didáticos.
- Remuneração justa para o profissional não ter que se sobrecarregar.
- Professores com formação melhor para trabalhar nas séries iniciais.
- Melhorar, ou até mudar o método de alfabetização.
- Melhor planejamento do ensino – aprendizagem tanto para o professor quanto para o aluno.
- Intercâmbio com os municípios e escolas diferenciadas, objetivando a prática de conhecimento e a troca de experiência.
- Fazer da escola um local agradável para a prática do ensino.
- Valorizar o professor alfabetizador, pois a base de tudo na vida escolar é a alfabetização.
- Mais dedicação e inovação por parte do professor.
- Mais contatos da escola com o aluno e a família.
- Levar o aluno a pesquisar mais e aplicar menos provas e testes.
- Trabalhar algo que desperte o interesse do aluno.
- Integrar mais o aluno nos atos cívicos da escola tornando-o mais responsável e dedicado.
- Trabalhar mais a interpretação nas primeiras séries.
- Reformular o sistema de educação no Brasil com mais investimento na educação e qualificação profissional do educador, dando a ele condições necessárias para levar uma vida digna.
- Dar ao aluno melhores condições de aprendizagem, com ambiente agradável e aconchegante; uma escola que tenha laboratório de informática e ciência em geral, oficinas, bibliotecas, videotecas, um espaço adequado para as aulas de educação física.

Referindo-se a uma realidade ampla, a reprovação, na ótica de autores como Demo (2001), por exemplo, deve ser observada levando-se em consideração as questões que dizem

respeito ao aluno, ao professor e à escola. Desse modo, podemos afirmar que para se superar as causas da reprovação é necessário o investimento na escola, capacitação de professor, melhoria de estrutura, materiais pedagógicos, mas com o devido planejamento para que os professores atuantes nas escolas, também mudem sua prática pedagógica, pois, como indicaram os alunos, os conteúdos precisam ser significativos.

Para Dias da Silva (1997), não basta esperar dos professores a crença de que a criança deva construir o ser sujeito do conhecimento. Há que se considerar que também, que o professor precisa ser reconhecido, como sujeito de seu fazer cotidiano. É preciso que o professor tenha condições de também construir o conhecimento sobre seu próprio trabalho. Portanto, a escola também precisa mudar seu tempo para (re) estruturar a pedagogia, suas forças, para que, acreditando na importância de seu trabalho, possa esperar transformações mais efetivas ou críticas.

Compete ao profissional da educação, replanejar suas ações a partir das dificuldades apresentadas na sala de aula, assim como possibilitar o surgimento de vínculos afetivos favoráveis para a relação entre professores e alunos e aluno entre si, pois a auto-estima é um dos aspectos fundamentais para o sucesso escolar. Lahire cita que "para compreender um indivíduo é preciso saber quais são os desejos predominantes que ele aspira satisfazer" (p.32).

As mudanças ocorridas no final do século XX são marcadas pela globalização econômica e cultural e estão a exigir novas dinâmicas de interação social, que levam a reflexão crítica acerca dos paradigmas que ainda vigoram nas práticas vigentes das escolas atuais. Vivemos um momento muito significativo na educação brasileira, que pode ser reconhecido como um tempo de crise. É cada vez fica mais claro que nossos sistemas educacionais não atendem individualmente as necessidades dos nossos alunos e de nossa sociedade. Lahire (1997), comenta que os sucessos escolares de meios populares dependem de múltiplas relações que se estabelecem no seu universo social.

Oliveira (1993), afirma que "conhecer a dinâmica interna da escola e da 'caixa preta' sala de aula, passa a ser fundamental à implementação de propostas pedagógicas". O Caminho que os pesquisadores têm percorrido vem se constituindo numa tentativa em poder ajudar a minimizar os grandes índices de repetência. Na escola existe pouco diálogo entre os próprios colegas de trabalho sendo que cada um ocupa-se somente da sua disciplina sem se preocupar muito com os problemas que estão em sua volta, embora com boa intenção. Essa não interação pode propiciar a exclusão.

Por outro lado, o educador tem que observar o aluno e quando perceber dificuldades de compreensão ele deve criar novas atividades para o estudante aprender. Se a escola

compreender essas mudanças de postura tão necessárias e se basear na realidade dos alunos e em suas possibilidades de aprendizagem a qualidade fica garantida, pois, os professores quando se envolvem com atividades para além da sua disciplina, estão contribuindo para a melhoria da escola e do ensino.

Assim como o professor não deve limitar suas preocupações somente com a sala de aula, os pais também deveriam dar atendimento aos seus filhos o ano todo e, não apenas preocuparem-se com seus filhos ao final de cada ano letivo, quando estão prestes a reprovar. Entende-se que os pais deveriam estar indagando a respeito dos acontecimentos que ocorrem na escola desde o início do ano letivo, bem como buscar informações sobre o filho, ou seja, de como o mesmo está se sentindo dentro do espaço escolar, para poder incentivar a sua caminhada, pois nos tornamos mais humanizados e sociais pela educação que recebemos da sociedade.

Os educadores e membros da instituição escolar devem ter claro a que horizontes pretendem chegar com seus alunos. Apontar caminhos diante de uma situação de não aprendizagem e da reprovação é importante, o professor deveria situar os alunos, explicando os objetivos e as aplicações do que está sendo estudado e as possíveis relações com os outros campos do conhecimento, fazendo proposta de trabalho, orientando a atividade e interpretando os erros como meios de aprendizagem.

O contato com profissionais de 1ª a 5ª séries revela a existência de profissionais, nem sempre bem sucedidos, sentindo-se solitários e desmotivados, trabalhando segundo procedimentos repetitivos, cedendo às pressões da "Pedagogia da facilidade", convivendo traumaticamente com o fracasso e o desinteresse de seus alunos e conseqüentemente com a reprovação.

Precisamos entender as novas exigências do mercado e a importância da formação de um sujeito que tenha, sobretudo, formação mais humana; que saiba se relacionar, entender o outro, trocar idéias, educar. As mudanças na escola também requerem políticas públicas de educação e emprego, voltadas para a realidade dos alunos, assim como a profissão do professor requer não só conhecimento teórico, formação dos sentidos, amor ao próximo. É necessário trabalhar com a sociedade, para a cidadania, gostar da carreira da docência especialmente a partir do sentimento, do amor, do afeto.

Quando o professor entra numa sala de aula, tem uma responsabilidade imensa, por que ele passa a ser referência. Ele é um sujeito que, dependendo da concepção que possui acerca da educação, do ensino, da aprendizagem, da sociedade e do mundo, pode desenvolver práticas

pedagógicas mais condizentes com o contexto onde atua e, pode ainda, se valer de instrumentos que possibilitam contribuir para a transformação desta sociedade.

> A educação, por ser uma prática de intervenção na realidade social, é um fenômeno multifacetado composto por um conjunto complexo de perspectivas e enfoques. Não pode, portanto ser considerado como uma ciência isolada nem tampouco apreendida mediante categorias de um único campo epistemológico, já que várias disciplinas autônomas convergem para a constituição do seu objeto, ou seja, a prática pedagógica é influenciada por múltiplas dimensões social e política, filosófica, ética, técnica, histórica (VIGOTSKI Apud REGO, 2001, P.124).

Diante do exposto, o profissional da educação deve assumir responsabilidade ativa em questões sérias acerca do que ensinam e como devem ensinar, e quais são as metas mais amplas pelas quais estão lutando, a fim de decidirem o que fazer para compreender porque as coisas são como são, como ficaram assim e que condições as sustentam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De posse dos dados coletados na escola objeto de estudo e embasadas nas teorias propostas, constatamos que vivemos em uma sociedade altamente seletiva e excludente e que esta, utiliza a escola para transmitir seus ideais. Em face disto, a história da educação brasileira apresenta raízes de fracasso desde os seus primórdios até os dias atuais. Observamos também que, primeiramente, nem todos tinham acesso à escola, depois, embora tenha havido ampliação do número de vagas, a educação sempre esteve atrelada a interesses políticos.

Apesar de muitas lutas e reivindicações até hoje a escola não conseguiu se estruturar para garantir o direito que preconiza a Constituição Federal a respeito da Educação. A escola pesquisada neste trabalho é fruto de reivindicações e, como as outras escolas, foi vítima de Reformas que não condiziam com sua realidade. Dessa forma, a referida escola apresenta elevados índices de fracasso escolar e, conforme os dados levantados na pesquisa, esse fracasso escolar provém de variados fatores como: professores trabalhando fora de sua área de formação, alunos que utilizam a conversa e a bagunça para se defender e muitas vezes acaba sendo deixado de lado pelo professor, pois estes acreditam que o aluno não quer aprender, como se a culpa pelo fracasso fosse exclusivamente dele.

Nesse sentido, é importante rever a forma como as aulas estão sendo atribuídas, ou seja, é imprescindível que os professores que atuam nos diferentes níveis do ensino, possuam formação na área, bem como participem de cursos de formação continuada.

Com referência às 5ª séries, num sentido geral, os professores afirmaram que compete aos profissionais da Educação replanejar suas ações a partir das dificuldades apresentadas na sala de aula, assim como possibilitar o relacionamento afetivo favorável entre educadores e alunos e alunos entre si. Pois, a auto-estima é um dos aspectos fundamentais para o sucesso escolar e, a harmonia na comunidade escolar pode contribuir muito para isto.

Para os alunos, a reprovação ocorre por que, muitas vezes, o professor tenta passar um conteúdo que não é do interesse deles; afirmam que o professor deveria ter mais disposição e alegria para lecionar. Sugerem ainda, que o professor deve incentivar e proporcionar um relacionamento prazeroso diante do saber.

Sabemos que são vários os desafios para que realmente tenhamos uma educação de qualidade e acessível a todos. Podemos afirmar que a consciência e o desejo de implementar as mudanças já existem. Paulo Freire afirma que a sociedade é aquilo que acreditamos; se acreditarmos numa sociedade igualitária, em que as diferenças sejam motivo de crescimento

mútuo e não de seleção e exclusão, certamente poderemos, através de nossa responsabilidade como cidadãos e principalmente como educadores, viver em um mundo melhor e mais humano.

Ao finalizarmos o estudo, observamos que além de atingir os objetivos propostos, apontamos novos olhares sobre o fracasso escolar e contribuímos no debate em relação à temática sobre a reprovação. Expomos novas falas, que junto a outras, podem ajudar a repensar o ensino público, pois, sabemos que alunos e professores dão pistas para superar o fracasso escolar e, conseqüentemente, melhorar a qualidade do ensino. As soluções, segundo as indicações de alunos e professores relatados aqui, parecem não depender exclusivamente de políticas públicas implementadas pelo Estado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABROMOWICZ, A. **A menina repetente.** (Coleção magistério: Formação e trabalho pedagógico). 4 ed. Campinas-SP: Papirus, 1994.

ABROMOWICZ, A. **Para além do fracasso escolar.** (Coleção magistério: Formação e trabalho pedagógicos). 5 ed. Campinas-SP: Papirus, 1997.

AGUIAR. L.S. **Qual o papel da escola** (s/d).
Disponível em <http://home.isn.com.br/~luaquiar/consus.

ANDRADE, Antonio dos Santos. **O cotidiano de uma escola pública de 1° grau**: um estudo etnográfico. Cadernos de Pesquisa. São Paulo: 1990.

ARROYO, M. G. Fracasso – Sucesso: o peso da Cultura escolar e do ordenamento da educação Básica. In: ABROMOWICZ, A. e MOLL, J. **Para além do fracasso escolar**. Campinas-SP: Papirus, 1997.

BAGNO, M. **Pesquisa na escola**. 8 ed. São Paulo: Loyola, 1998.

BOSSA. N. A. **Fracasso escolar:** um olhar psicopedagógico. São Paulo: Artmed, 2002.

BRASIL. MEC / INEP/ **Matriculas Ensino Regular** – 2001.
http://www.inep.gov.br/basica/censo/Escolar/Sinopse/sinopse.asp.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional** (LDBEN), Mato Grosso, Secretaria de Estado de Educação de Cuiabá: Entrelinhas, 1997.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**: Lei 9.394/96, apresentação CURY, C. R. J. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

CHARLOT, B. **Da relação com saber**: elementos para uma teoria, Trad. Bruno Magne. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

COLLARES, C.A.L. **O cotidiano escolar patologizado**: espaço de preconceitos e práticas cristalizadas. Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas, 1995.

COSTA, J. F. **A mistificação pedagógica**. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahor, 1976.

DEMO, P. **Pesquisa**: princípio científico e educativo. 2 ed. São Paulo: Cortez, 1991.

_____. **Política social do conhecimento**. In: RBPAE, Porto Alegre-SC: RBPAE, v.14, nº 2 jul/dez 1998.

DIAS DA SILVA, M. H. G. F. **Passagem sem rito**: as 5ª séries e seus professores. Série Prática Pedagógica. Campinas-SP: Papirus, 1997.

DORIN, L. **Psicologia educacional**. 9 ed. São Paulo: Brasil, 1978.

FINI, L.D.T. **Rendimento escolar e psicopedagogia**. Petropólis, RJ: Vozes, 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**, 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GHIRALDELLI JUNIOR, Paulo. **História da Educação**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 1994.

INEP, **Índice de reprovação no Brasil e regiões**. Disponível em: www.inep.gov.br.

LAHIRE, B. **Sucesso escolar nos meios populares**: as razões do improvável. São Paulo: Ática, 1997.

LEITE, S. A. da S. **O fracasso escolar no ensino de 1o grau**. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, nº 163, 1988.

LINHARES, M.Y. **O fracasso do ensino público**: idéias e ensaios. São Paulo: Brasil, 1991.

MARCONI, Marina de A. LAKATOS, Eva M. **Técnicas de pesquisa**: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados. São Paulo: Atlas, 1986.

MELLO, G. N. **A pesquisa educacional**. São Paulo: Cadernos de Pesquisa. 1983.

_____. **A Importância da Escola**. 2002.
Disponível em <http://www.ofelia.com.br/estadoguiomar.htm.

MINAYO, M. C. de S., (org.) **Pesquisa social**: teorias, métodos e criatividade. 21 ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2002.

PATTO, M. H. S. **O fracasso escolar como objeto de estudo**: anotações sobre as características de um discurso. São Paulo: Cadernos de Pesquisas, 1998.

_____. **A Produção do fracasso escolar**: história de submissão e rebeldia. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

REGO, T. C. **Vigotsky, uma perspectiva histórica cultural da educação**. 12 ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2001.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da educação no Brasil** (1930/1973). 27 ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2002.

SANTOS, Marlene Silva de Oliveira. **Educação e poder local**: a experiência de uma educadora. Cuiabá-MT: Entrelinhas, 1997.

SEVERINO, A. J. **Formação docente**: rupturas e possibilidades. Campinas-SP: Papirus, 2002.

SHIROMA, E. O. **Política educacional**, 2 ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2002 .

SISTO, F. F. **O cognitivo, o social e o afetivo no cotidiano escolar**. Campinas-SP: Papirus, 1999.

TORRES, C. A. **Sociologia política da educação**. Trad. T. Valezuela. 2 ed. São Paulo: Cortez, 1997.

VIÑÃO, Antonio. Fracasan las reformas educativas? la respuesta de un historiador. In: **Educação no Brasil**: história e historiografia. Autores Associados. Campinas-SP: SBHE.

ROEGIERS, Xavier. **Uma pedagogia da integração**: competências e aquisições no ensino. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

VIGOSTSKY, **Pensamento e linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ANEXOS

Quadro 1 – Rendimento e Movimento Escolar

Ensino Regular										
Número de Alunos Reprovados no Ensino Fundamental, por Localização e Dependência Administrativa, segundo a Região Geográfica e a Unidade da Federação – 2001.										
Federação	Alunos Reprovados no Ensino Fundamental									
	Total					Rural				
	Total	Federal	Estadual	Municipal	Privada	Total	Federal.	Estadual	Municipal.	Privada
Brasil	3.876.167	1.848	1.495.849	2.272.480	105.990	1.006.773	81	78.049	925.806	2.837
Norte	468.504	383	168.376	295.163	4.582	192.226	-	21.562	170.488	176
Rondônia	38.897	-	21.954	16.346	597	11.864	-	1.193	10.644	27
Acre	19.833	18	11.122	8.563	130	8.702	-	3.376	5.326	-
Amazonas	101.083	47	41.590	58.515	931	34.388	-	1.510	32.849	29
Roraima	6.442	-	5.397	988	57	2.520	-	2.164	356	-
Pará	260.471	318	62.491	195.421	2.241	124.755	-	9.554	115.168	33
Amapá	17.547	-	13.109	4.068	370	4.000	-	2.788	1.149	63
Tocantins	24.231	-	12.713	11.262	256	5.997	-	977	4.996	24
Nordeste	1.781.077	351	500.057	1.237.851	42.818	652.002	81	21.171	628.753	1.997
Maranhão	201.616	131	39.838	158.372	3.275	92.944	11	2.580	89.850	503
Piauí	124.614	23	36.405	85.270	2.916	53.079	23	1.142	51.659	255
Ceará	167.432	24	26.718	133.040	7.650	57.178	-	539	56.521	118
R.G Norte	97.221	26	36.226	57.730	3.239	27.908	26	3.523	24.306	53
Paraíba	124.311	-	39.915	81.691	2.705	37.998	-	2.761	35.214	23
Pernamb.	287.913	45	85.404	192.726	9.738	88.478	21	2.360	85.605	492
Alagoas	124.850	-	27.608	94.734	2.508	52.825	-	2.219	50.332	274
Sergipe	85.292	70	29.840	53.236	2.146	30.167	-	1.831	28.255	81
Bahia	567.828	32	178.103	381.052	8.641	211.425	-	4.216	207.011	198
Sudeste	863.667	812	393.438	426.831	42.586	86.392	-	15.315	70.633	444
M. Gerais	231.439	144	89.612	135.600	6.083	45.438	-	3.218	42.161	59
Esp. Santo	53.376	-	25.580	26.461	1.335	9.543	-	3.496	6.022	25
R. Janeiro	266.627	667	94.682	152.040	19.238	21.302	-	4.963	16.147	192
São Paulo	312.225	1	183.564	112.730	15.930	10.109	-	3.638	6.303	168
Sul	484.694	149	271.370	204.063	9.112	50.928	-	15.197	35.627	104
Paraná	163.443	38	87.735	73.144	2.526	14.155	-	3.373	10.769	13
S. Catarina	86.601	8	50.277	34.973	1.343	10.263	-	3.300	6.963	-
R. G. Sul	234.650	103	133.358	95.946	5.243	26.510	-	8.524	17.895	91

C. Oeste	278.225	153	162.608	108.572	6.892	25.225	-	4.804	20.305	116
M. G. Sul	77.320	62	39.631	36.426	1.201	6.877	-	296	6.560	21
M. Grosso	49.054	-	20.298	27.778	978	8.656	-	619	8.007	30
Goiás	94.463	35	47.327	44.368	2.733	6.700	-	897	5.738	65
D. Federal	57.388	56	55.352	-	1.980	2.992	-	2.992	-	-

Disponível em <http://www.inep.gov.br/basica/censo/escolar/sinopse/sinopse.asp.
Fonte: MEC/INEP/SEEC.

QUESTIONÁRIO APLICADO NA PESQUISA

1 - PROFESSORES DE 1ª A 4ª SÉRIES:

a) Quais as causas que levam os alunos de 1ª a 4ª séries à reprovação?
b) Quais as causas da evasão?
c) O que a escola e professores poderiam fazer para evitar a reprovação e a desistência?
d) Qual é a sua formação e o tempo de atuação em sala de aula?

2 - ALUNOS DE 1ª A 4ª SÉRIES:

* Reprovados:

a) Qual foi o motivo da reprovação. O que levou a isto?
b) O que a escola poderia fazer para evitar o problema da reprovação?

* Desistentes:

a) Por que você desistiu de estudar?
b) O que a escola poderia fazer para evitar o problema da desistência?

3 – PROFESSORES DE 5ª SÉRIE:

a) Quais os fatores que levam os alunos da 5ª série a reprovação e a desistência?
b) Que providências deveriam ser tomadas para minimizar o fracasso escolar?
c) Qual a sua formação e o tempo de atuação em sala de aula?

4 - ALUNOS DA 5ª SÉRIE.

a) Você já reprovou? Quantas vezes e em que série?
b) Em que disciplina você reprovou?
c) Qual foi o motivo da sua reprovação?
d) Na sua opinião, o que a escola e os professores poderiam fazer para que não houvesse tanta repetência?

PESQUISA PARA FINS DE TRABALHO MONOGRÁFICO

AOS PROFESSORES DE 1ª A 4ª SÉRIE

1 - Quais as causas que levam os alunos de 1ª a 4ª séries à reprovação?

A nossa escola não possui ambiente que propicie aulas mais agradáveis, mais criativas, que motivem a pesquisa e a produção do conhecimento. Os alunos e professores se sentem saturados com a mesmice. O aluno quer novidade, liberdade, quer aprender brincando.

2 - Quais as causas da evasão?

Penso que a desistência é consequência de repetidas reprovações e falta de incentivo por parte de professores e família.

3 - O que a escola e professores poderiam fazer para evitar a reprovação e a desistência?

A escola deveria ampliar o laboratório de informática, providenciar um play-ground, para as crianças das séries iniciais, ampliar o acervo da biblioteca e ter a disposição: data-show, vídeos, dvds, que nunca são encontrados quando um professor necessita, devido a divisão da escola em dois endereços. Deveria ainda, proporcionar aos professores cursos de formação continuada nas diferentes áreas de conhecimento

4 - Qual é a sua formação e o tempo de atuação em sala de aula?

Letras e Tempo de formação 8 anos.

PESQUISA PARA FINS DE TRABALHO MONOGRÁFICO

AOS PROFESSORES DE 1ª A 4ª SÉRIE

1 - Quais as causas que levam os alunos de 1ª a 4ª séries à reprovação?

Acredito que à medida que o aluno vai tomando conhecimento e liberdade no ambiente escolar, ele vai percebendo que a escola é o lugar onde ele pode tudo o que lhe é negado em casa. Na escola ele encontra uma certa proteção que às vezes, lhe faz mal. É o caso de muitos dos nossos alunos que vêm de uma família problemática, com toda sorte de dificuldades e isto reflete diretamente na aprendizagem das crianças. Acredito ser esta a causa de reprovação dos nossos alunos.

2 - Quais as causas da evasão?

Há uma série de fatores que influenciam na desistência: trabalho infantil, defasagem idade-série, devido à reprovação, falta de preparo dos professores para trabalhar as deficiências, entre outros.

3 - O que a escola e professores poderiam fazer para evitar a reprovação e a desistência?

A escola deveria olhar com mais carinho para estes alunos que apresentam dificuldades e indisciplinas, desenvolver um trabalho de recuperação, de acompanhamento especial; Capacitar professores p/lidar c/ casos de deficiências especiais. Talvez, desenvolver alguns projetos envolvendo também as famílias destes alunos, e em muitos casos, é necessário até um atendimento especial com a psicóloga da escola.

4 - Qual é a sua formação e o tempo de atuação em sala de aula?

Pós-graduação em matemática, c/ 6 anos de trabalho

PESQUISA PARA FINS DE TRABALHO MONOGRÁFICO

AOS PROFESSORES DE 1ª A 4ª SÉRIE

1 - Quais as causas que levam os alunos de 1ª a 4ª séries à reprovação?

Os alunos não estão interessados, eles não querem nada com nada, estão rebeldes e violentos, só querem saber de conversas. Por outro lado, as vezes encontram professores despreparados para lidarem com tal situação, o que torna ainda mais agravante.

2 - Quais as causas da evasão?

A escola não cumpre seu papel de incentivar, parece tratar o aluno que apresenta dificuldade como um estorvo, com certa indiferença e até discriminação. Os próprios colegas de sala discriminam, ignoram e o professor, muitas vezes, também.

3 - O que a escola e professores poderiam fazer para evitar a reprovação e a desistência?

A escola deveria investir mais na formação de professores, buscar profissionais de outras áreas para trabalhar em parceria, promover maior integração comunidade-escola.

4 - Qual é a sua formação e o tempo de atuação em sala de aula?

Graduação em Letras e pós-graduação em Administração escolar. Tenho sete anos de magistério.

PESQUISA PARA FINS DE TRABALHO MONOGRÁFICO

AOS PROFESSORES DE 1ª A 4ª SÉRIE

1 - Quais as causas que levam os alunos de 1ª a 4ª séries à reprovação?

Acredito que são muitas os motivos, mas o desinteresse dos alunos é provocado pela base, é na família. As vezes as crianças não sabem nem dialogar, são perdidos no conteúdo e no espaço.

2 - Quais as causas da evasão?

Reafirmo o que disse na causa da reprovação, penso que falta incentivo da família; a escola sozinha não dá conta desta questão.

3 - O que a escola e professores poderiam fazer para evitar a reprovação e a desistência?

A escola deveria buscar maior interação com as famílias e adquirir mais materiais pedagógicos; a escola necessita tanto de aproximar-se das famílias dos nossos alunos, qto de proporcionar condições para os professores desenvolverem bem os seus trabalhos.

4 - Qual é a sua formação e o tempo de atuação em sala de aula?

Sou formada em História e trabalho a sete anos em sala de aula.

PESQUISA PARA FINS DE TRABALHO MONOGRÁFICO

AOS PROFESSORES DE 5ª SÉRIE

1 - Quais as causas que levam os alunos da 5ª série à reprovação e a desistência?

O aluno acumula ao longo das séries, uma carga de dificuldades e ao chegar na 5ª série esse fator se agrava consideravelmente. Além disso, com a ruptura que o mesmo sofre com essa mudança: professor diferente em cada disciplina, novas regras, assustam o aluno que já possui uma carência, seja afetiva ou de aprendisagem.

2 – Que providências poderiam ser tomadas para minimizar o fracasso escolar?

Acredito que deveria ter professores com melhor formação para trabalhar nas séries iniciais e maior contato da escola com o aluno e a família.

3 - Qual é a sua formação e o tempo de atuação em sala de aula?

Sou formado em matemática e trabalho há 15 anos em sala de aula.

PESQUISA PARA FINS DE TRABALHO MONOGRÁFICO

AOS PROFESSORES DE 5ª SÉRIE

1 - Quais as causas que levam os alunos da 5ª série à reprovação e a desistência?

Falta dedicação, criatividade e espontaneidade do educador para lidar com as diferenças na sala de aula. Penso que deveria também, mais apoio pedagógico aos professores.

2 – Que providências poderiam ser tomadas para minimizar o fracasso escolar?

Investir na educação. Reformular o sistema de educação no Brasil com mais investimentos na educação e qualificação profissional do educador, dando a ele condições necessárias para levar uma vida digna.

3 - Qual é a sua formação e o tempo de atuação em sala de aula?

Pós graduação em História. Trabalho há 12 anos no magistério.

PESQUISA PARA FINS DE TRABALHO MONOGRÁFICO

AOS PROFESSORES DE 5ª SÉRIE

1 - Quais as causas que levam os alunos da 5ª série à reprovação e a desistência?

A nossa escola não oferece aulas de reforço para recuperar os alunos de quinta série que apresentam dificuldades. Alguns professores se preocupam em atender tais alunos em seus horários de atividades, porém não é suficiente. Observamos também que os alunos com dificuldades, também não demonstram o mínimo de interesse em aprender e durante as aulas só querem conversar e atrapalhar colegas e professores.

2 – Que providências poderiam ser tomadas para minimizar o fracasso escolar?

Melhor planejamento do ensino-aprendizagem tanto para o professor quanto para o aluno. Deveria haver um programa de conscientização e incentivo à educação fundamental

3 - Qual é a sua formação e o tempo de atuação em sala de aula?

Minha formação é Geografia e leciono há dez anos.

PESQUISA PARA FINS DE TRABALHO MONOGRÁFICO

AOS PROFESSORES DE 5ª SÉRIE

1 - Quais as causas que levam os alunos da 5ª série à reprovação e a desistência?

Penso que deveríamos dispor de um tempo para trabalhar recuperação dos alunos que apresentam dificuldades. A maioria dos alunos, principalmente do período vespertino, não consegue acompanhar o conteúdo aplicado, necessitando portanto de um tempo a mais.

2 – Que providências poderiam ser tomadas para minimizar o fracasso escolar?

A escola deveria dar aos alunos melhores condições de aprendizagem, com um ambiente agradável e acolhedor; uma escola que tenha laboratório de informática e ciência em geral, oficinas, bibliotecas, midiatecas, um espaço adequado para as aulas de educação física.

3 - Qual é a sua formação e o tempo de atuação em sala de aula?

formação em Biologia, com 10 anos de experiência

PESQUISA PARA FINS DE TRABALHO MONOGRÁFICO

AOS PROFESSORES DE 5ª SÉRIE

1 - Quais as causas que levam os alunos da 5ª série à reprovação e a desistência?

Falta incentivo por parte do professor e dos pais, falta de interesse do aluno quanto a determinada disciplina. O aluno percebe que ocorre um certo distanciamento afetiva em relação ao professor e parece querer chamar a atenção, atrapalhando as aulas.

2 – Que providências poderiam ser tomadas para minimizar o fracasso escolar?

A Educação deveria investir no ensino com materiais didáticos, e promover intercâmbios com os municípios, e escolas diferenciadas, objetivando a prática de conhecimento e troca de experiência.

3 - Qual é a sua formação e o tempo de atuação em sala de aula?

Formada em Letras com 15 anos de sala de aula.

PESQUISA PARA FINS DE TRABALHO MONOGRÁFICO

AOS ALUNOS DE 1ª A 4ª SÉRIES:

* Reprovados:

1 Qual a série que você estuda? Primeira

2 Por que você reprovou? Comabrava muito

3 O que a escola e os professores poderiam fazer para os alunos não reprovarem? ajuda forte

* Desistentes:

4 Por que você desistiu de estudar? eu não desisti

5 O que a escola e os professores poderiam fazer para os alunos não desistirem? a ajuda a ficar

PESQUISA PARA FINS DE TRABALHO MONOGRÁFICO

AOS ALUNOS DE 1ª A 4ª SÉRIES:

* Reprovados:

1 Qual a série que você estuda? 1ª serie

2 Por que você reprovou? porque eu fazia bagunsa

3 O que a escola e os professores poderiam fazer para os alunos não reprovarem?

* Desistentes:

4 Por que você desistiu de estudar? minha mãe tirou eu porque eu não queria vim pra escola

5 O que a escola e os professores poderiam fazer para os alunos não desistirem?

não sei

PESQUISA PARA FINS DE TRABALHO MONOGRÁFICO

AOS ALUNOS DE 1ª A 4ª SÉRIES:

* Reprovados:

1 Qual a série que você estuda? 2B

2 Por que você reprovou? eu não dava conta de copia tarefa e não dava conta de ler a professora ficava brava e critava e eu ficava cmedo

3 O que a escola e os professores poderiam fazer para os alunos não reprovarem? Tinha que a juda a gente e perguntar para gente

* Desistentes:

4 Por que você desistiu de estudar? porque a profesora tirava pento da gente e eu ia reprovar mesma

5 O que a escola e os professores poderiam fazer para os alunos não desistirem? Tinha que a juda a gente e perguntar para gente

PESQUISA PARA FINS DE TRABALHO MONOGRÁFICO

AOS ALUNOS DE 1ª A 4ª SÉRIES:

* Reprovados:

1 Qual a série que você estuda? Segunda

2 Por que você reprovou? Eu não queria Estudar mais a minha mãe fazia eu vim para a Escola

3 O que a escola e os professores poderiam fazer para os alunos não reprovarem? A professora Tinha que conversar com os alunos pra saber por que que eles reprovam e Tinha que pergunta pra professora também

* Desistentes:

4 Por que você desistiu de estudar? A professora era muito brabo Eu ficava comeda dela e não sabia fazer a tarefa

5 O que a escola e os professores poderiam fazer para os alunos não desistirem?

A coordenadora foi la in casa pramim para a escola mais a minha mãe não deixou mais

PESQUISA PARA FINS DE TRABALHO MONOGRÁFICO

AOS ALUNOS DE 1ª A 4ª SÉRIES:

* Reprovados:

1 Qual a série que você estuda? 3º

2 Por que você reprovou? Eu não dava conta de copiar as tarefa e era muito difícil.

3 O que a escola e os professores poderiam fazer para os alunos não reprovarem? tinha que pesquisa pros alunos e por professores porque os alunos reprovam tinha que ajudar os aluno.

* Desistentes:

4 Por que você desistiu de estudar? Porque eu ia reprova mesmo daí minha mãe tirou eu da estola.

5 O que a escola e os professores poderiam fazer para os alunos não desistirem?

tinha que pesquisa pros alunos

PESQUISA PARA FINS DE TRABALHO MONOGRÁFICO

AOS ALUNOS DE 1ª A 4ª SÉRIES:

* Reprovados:

1 Qual a série que você estuda? no 3º

2 Por que você reprovou? eu muito difesil e eu não dava conta tinha muita lagunga

3 O que a escola e os professores poderiam fazer para os alunos não reprovarem?

tinha que ajudar os alunos a lage ortavelo

* Desistentes:

4 Por que você desistiu de estudar?

eu não Pareide studar

5 O que a escola e os professores poderiam fazer para os alunos não desistirem?

ajudar os alunos

PESQUISA PARA FINS DE TRABALHO MONOGRÁFICO

AOS ALUNOS DE 1ª A 4ª SÉRIES:

* Reprovados:

1 Qual a série que você estuda? 3ª

2 Por que você reprovou? por que conversava muito na aula ai eu na prestava atenção

3 O que a escola e os professores poderiam fazer para os alunos não reprovarem? o professor tinha que da apoio nos alunos

* Desistentes:

4 Por que você desistiu de estudar? porque era muito difícil

5 O que a escola e os professores poderiam fazer para os alunos não desistirem? o professor tinha que ajuda mais os alunos

PESQUISA PARA FINS DE TRABALHO MONOGRÁFICO

AOS ALUNOS DE 1ª A 4ª SÉRIES:

* Reprovados:

1 Qual a série que você estuda? 3ª C

2 Por que você reprovou? Eu não gostava de estudar daí eu não prestava atenção tinha muita bagunça e eu nem ligava o Professora

3 O que a escola e os professores poderiam fazer para os alunos não reprovarem?

Eu acho que eles tinha que sabe porque que nos não tá ino na Escola

* Desistentes:

4 Por que você desistiu de estudar? Por que eu não tinha não e Eu não gostava di ir para Escola.

5 O que a escola e os professores poderiam fazer para os alunos não desistirem?

Tinha que saber por que os alunos não tá ino

PESQUISA PARA FINS DE TRABALHO MONOGRÁFICO

AOS ALUNOS DE 1ª A 4ª SÉRIES:

* Reprovados:

1 Qual a série que você estuda? 4º A

2 Por que você reprovou? Eu conversava na aula e não prestava atenção e a professora passava muita Tarefa.

3 O que a escola e os professores poderiam fazer para os alunos não reprovarem?

Tinha que ajudar mais os alunos e perguntar se os alunos já fez a Tarefa

* Desistentes:

4 Por que você desistiu de estudar? Por que Eu não dava conta. A professora era muita brabo com a gente e brigava.

5 O que a escola e os professores poderiam fazer para os alunos não desistirem?

Tinha que ir na casa dos alunos pra conversa com eles.

PESQUISA PARA FINS DE TRABALHO MONOGRÁFICO

AOS ALUNOS DE 1ª A 4ª SÉRIES:

* Reprovados:

1 Qual a série que você estuda? 4ª Série

2 Por que você reprovou? Ficava atrasada pra copiar ou ler e o professor ficava nervoso e tirava ponto nota

3 O que a escola e os professores poderiam fazer para os alunos não reprovarem? A escola tinha que conversar com os professores, tinha que conversar resolver o problema

* Desistentes:

4 Por que você desistiu de estudar? por que o professor passava muita tarefa eu não conseguia copiar

5 O que a escola e os professores poderiam fazer para os alunos não desistirem?

A escola tinha que saber aque os alunos tem tinha que conversar com o professor

PESQUISA PARA FINS DE TRABALHO MONOGRÁFICO

AOS ALUNOS DE 1ª A 4ª SÉRIES:

* Reprovados:

1 Qual a série que você estuda? 4º

2 Por que você reprovou? professora dava muita tarefa e eu não tava conta de fazer tudo as tarefa

3 O que a escola e os professores poderiam fazer para os alunos não reprovarem? Ce professora tiva que ajudar a gente

* Desistentes:

4 Por que você desistiu de estudar? porque eu não gosto de estudar

5 O que a escola e os professores poderiam fazer para os alunos não desistirem? Ce escola tivesse na casa dos alunos tiva sabe porque ele não vn pra escola

PESQUISA PARA FINS DE TRABALHO MONOGRÁFICO

AOS ALUNOS DE 5ª SÉRIE

1 - Você já reprovou? Já Quantas vezes? 1 vez

Em quais séries você reprovou? Já reprovei na 3ª série

2 - Em qual disciplina você reprovou? Em matemática e história

3 – Qual foi o motivo da sua reprovação? Eu gostava de ir para a escola mas não gostava de estudar eu só ia porque minha mãe mandava

4 – Na sua opinião, o que os professores e a escola poderiam fazer para que não houvesse tanta repetência?

Eu acho que a escola devia ajudar mais os alunos e também dar mais apoio pra gente que tem dificuldade, e a aula de matemática é muito chata

PESQUISA PARA FINS DE TRABALHO MONOGRÁFICO

AOS ALUNOS DE 5ª SÉRIE

1 - Você já reprovou? Ja Quantas vezes? 1

Em quais séries você reprovou? na 5ª

2 - Em qual disciplina você reprovou? Historia

3 – Qual foi o motivo da sua reprovação? não gostava de estuda ficava com preguiça

4 – Na sua opinião, o que os professores e a escola poderiam fazer para que não houvesse tanta repetência?

da mais trabalho em grupo pras aulas fico mais animados.

PESQUISA PARA FINS DE TRABALHO MONOGRÁFICO

AOS ALUNOS DE 5ª SÉRIE

1 - Você já reprovou? sim Quantas vezes? 1

Em quais séries você reprovou? 5º série

2 - Em qual disciplina você reprovou? matematica

3 – Qual foi o motivo da sua reprovação? tinham muita ~~baga~~ bagunça na sala aula na sala a gente não dava pra prestar atenção

4 – Na sua opinião, o que os professores e a escola poderiam fazer para que não houvesse tanta repetência?

O profesor tinha que ~~fase~~ não deixa os aluno faze bagunça

PESQUISA PARA FINS DE TRABALHO MONOGRÁFICO

AOS ALUNOS DE 5ª SÉRIE

1 - Você já reprovou? Sim Quantas vezes? 2 vezes

Em quais séries você reprovou? 5ª Serie

2 - Em qual disciplina você reprovou? Portugues

3 – Qual foi o motivo da sua reprovação? não prestava atenção. não gostava da aula pra prova

4 – Na sua opinião, o que os professores e a escola poderiam fazer para que não houvesse tanta repetência?

Ex: escola e os professores tinha que ser mais rigidos

PESQUISA PARA FINS DE TRABALHO MONOGRÁFICO

AOS ALUNOS DE 5ª SÉRIE

1 - Você já reprovou? sim Quantas vezes? 2 Vez

Em quais séries você reprovou? segunda Sere

2 - Em qual disciplina você reprovou? Ciências e Matemática

3 – Qual foi o motivo da sua reprovação? por que o professor não ensinava e ele e muito bravo e eu não fazia Tarefa

4 – Na sua opinião, o que os professores e a escola poderiam fazer para que não houvesse tanta repetência?

ele tinha que ensina mais cobra mais da gente

PESQUISA PARA FINS DE TRABALHO MONOGRÁFICO

AOS ALUNOS DE 5ª SÉRIE

1 - Você já reprovou? já Quantas vezes? 2 vezes

Em quais séries você reprovou? 1 vez na 4ª e uma na 5ª

2 - Em qual disciplina você reprovou? Historia e Geografia

3 – Qual foi o motivo da sua reprovação? Não tinha tempo para estudar, porque eu vendia gelodinho ai tonde. e ficava comodo, e não prestava atenção

4 – Na sua opinião, o que os professores e a escola poderiam fazer para que não houvesse tanta repetência?

Dar mais trabalho em grupo, e os professores ajudar mais os alunos.

PESQUISA PARA FINS DE TRABALHO MONOGRÁFICO

AOS ALUNOS DE 5ª SÉRIE

1 - Você já reprovou? Sim Quantas vezes? duas

Em quais séries você reprovou? uma vez na primeira série

e o ano passado.

2 - Em qual disciplina você reprovou? em matemática

3 – Qual foi o motivo da sua reprovação? eu não copiava da professora

e não prestava atenção

4 – Na sua opinião, o que os professores e a escola poderiam fazer para que não houvesse tanta repetência?

Os professores tinha de ajudar mais

os alunos

PESQUISA PARA FINS DE TRABALHO MONOGRÁFICO

AOS ALUNOS DE 5ª SÉRIE

1 - Você já reprovou? sim Quantas vezes? 2 vezes

Em quais séries você reprovou? 5ª

2 - Em qual disciplina você reprovou? Portuguêis

3 – Qual foi o motivo da sua reprovação? Porque eu não prestava a tenção e eu não consegui trabalhar com ela

4 – Na sua opinião, o que os professores e a escola poderiam fazer para que não houvesse tanta repetência?

O professor poderia dar mais leitura tinha que ter mais texto e tinha que ensinar a fazer isso e tinha que dar mais chance

PESQUISA PARA FINS DE TRABALHO MONOGRÁFICO

AOS ALUNOS DE 5ª SÉRIE

1 - Você já reprovou? Sim Quantas vezes? duas vezes

Em quais séries você reprovou? 1 vezes na primeira e 1 vez na 5

2 - Em qual disciplina você reprovou? Na primeira em português e na 5 em matematica

3 – Qual foi o motivo da sua reprovação? Eu não prestava atenção e não gostava de estudar, na 5 serie eu não gostava do professor de matematica, ele passava muita materia

4 – Na sua opinião, o que os professores e a escola poderiam fazer para que não houvesse tanta repetência?

Os professores deviam ajudar mais os alunos e tinham que ter mais respeito com professor e os colegas

PESQUISA PARA FINS DE TRABALHO MONOGRÁFICO

AOS ALUNOS DE 5ª SÉRIE

1 - Você já reprovou? sim Quantas vezes? 2 vezes

Em quais séries você reprovou? na primeira vez e na 2ª vez

2 - Em qual disciplina você reprovou? i portugues e matemática

3 – Qual foi o motivo da sua reprovação? eu no pretiva ação eu não gotava a poffesora i e pois Bagunsa

4 – Na sua opinião, o que os professores e a escola poderiam fazer para que não houvesse tanta repetência?

o professor tio que gosta da gete i tinha que ixins mais

PESQUISA PARA FINS DE TRABALHO MONOGRÁFICO

AOS ALUNOS DE 5ª SÉRIE

1 - Você já reprovou? sim Quantas vezes? 3

Em quais séries você reprovou? Matemática 2 Vezes e Portugues 1 na 4ª e 5ª

2 - Em qual disciplina você reprovou? matemática e Portugues

3 – Qual foi o motivo da sua reprovação? é porque eu fiquei sozado e o professor não o esperou eu copia

4 – Na sua opinião, o que os professores e a escola poderiam fazer para que não houvesse tanta repetência?

os professor podia mais os aluno e não podia Vasi para.